

CANTADOR, MUSA E VIOLA

EM CONVÊNIO COM O INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO/MEC
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

EDUARDO CAMPOS

CANTADOR, MUSA E VIOLA

EM CONVÊNIO COM O INSTITUTO NACIONAL DO LIVRO/MEC
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

Fortaleza
1973

C211c Campos, Eduardo

Cantador, musa e viola. Rio de Janeiro, Ed. Americana; Brasília, INL, 1973.

171p.

1. Folclore brasileiro - Nordeste. 2. Literatura folclórica - Brasil - Nordeste. 3. Repentistas nordestinos. 4. Medicina popular. I. Brasil. Instituto Nacional do Livro, co-ed. II. Título

CDD - 398.09813

398.209813

398.353

398.8

CCF/SNEL/GB-73-0439

CDU - 398 (81)

A

*Jáder de Carvalho,
Nertan Macêdo Herman Lima,*

e à memória do

Prof. Natanael Cortez.

SUMÁRIO

PRIMEIRA PARTE

OS TEMAS DA POESIA

Aderaldo Ferreira de Araújo, o Cego Aderaldo	15
José de Matos, o Poeta do Cariri	37
O cantador José da Rocha Freire, vulgo Zé Melancia	53
Joaquim Batista de Sena e a literatura de cordel	67
O complexo de cor nas cantorias	85
Uma peça jurídica, matuta, em versos	93

SEGUNDA PARTE

OS TEMAS DA PROSA

O mistério das profecias através do tempo	107
A medicina popular	119
Subsídios ao adágio rio cearense	133
O importante Sr. Diabo e a magia das unhas	155
A injustiça aos caprinos e o folclore do chifre	163

À GUISA DE APRESENTAÇÃO

Anfatrião – “Que vai lá?

Que coisas vão?”

LUÍS DE CAMÕES

A instâncias do editor e amigo Hermenegildo de Sá Cavalcanti resulta a divulgação desta série de estudos, nem sempre passível de tal caracterização, pois não são raros entre os comentários, artigos anteriormente escritos para jornais, uns e outros, no entanto, aperfeiçoados em seus textos primitivos, e todos dizendo respeito à terra e gente do Ceará.

A maioria dos trabalhos deveria aguardar dia de mais vagar. Esta, a intenção do autor, que protelava a publicação definitiva, certo de poder, em época propícia, aprofundar interpretações e dispor de idéias mais convenientes. A rotina absorvente de suas atividades, no setor jornalístico, invalidou o propósito inicial, agora derogado.

Por outro lado, reter contribuições de coleta pessoal, adiando a comunicação de idéias e confrontos capazes de subsidiar os interessados pelos temas comentados, seria

ato de puro egoísmo, prejudicial talvez ao desenvolvimento destes por estudiosos de melhor aplicação.

CANTADOR, MUSA E VIOLA, portanto, não pretende senão contribuir para uma maior compreensão do folclore cearense. Não vamos ao leitor, como nos versos de Luís de Camões queria ir Aurélio a Anfatrião, “contar-lhe cousas tamanhas”. Mas neste livro pode-se saber também “o que vai lá e “que coisas vão”.

E. C.

*Quando o cantador afina
As cordas do instrumento
As musas lá no relento
Abrem do verso a cortina!
Viajando pela Campina,
Beijando a flor na corola;
O poeta se consola
Com tudo quanto lhe inspira:
- O Mundo em peso admira
Cantador, musa e viola!*

CANTADOR SIQUEIRA DE AMORIM

PRIMEIRA PARTE

OS TEMAS DA POESIA

ADERALDO FERREIRA DE ARAÚJO, O CEGO ADERALDO

*Sou um cantor cearense
Cego, sem rumo, sem tino...
Só conheço o abandono,
Sou pobre desde menino.
Ceguei com 18 anos,
Não canto de pequenino.*

O Cego, na peleja com José Francalino

Fomos amigos, o cego e eu, durante mais de vinte anos. Aderaldo vinha visitar-me pelo menos uma vez por mês, conversar problemas, apelar para a solidariedade que é marca maior entre amigos. Na redação do *Correio do Ceará* era recebido como gente de casa. Conhecia-nos a todos nós pela fala, pela maneira de rir e até de tossir. A propósito de tudo tinha verso espontâneo, inteligente, de dentro de si mesmo.

Não se repetia. Aí se firmava a sua grande vantagem sobre os outros. Não era cantador de palavras difíceis, dos que se acodem de dicionários ou livros sagrados. O seu

grande livro de sabedoria estava na Natureza, no estranho, mas belo mundo, que ele, a rigor, aprendeu a ver através dos outros. E como sempre houvesse bondade e simpatia ao derredor de si, acabou sendo um homem bom, cuja maior qualidade terá sido o grande apego aos filhos dos outros, aos guias que o serviam, e que ele os retinha não como instrumento de trabalho, mas como gente do próprio sangue.

Um destes, o Mário, ainda à hora final o atendia com dedicação. Foi o mais reconhecido de todos, o único talvez, que, as criaturas nesse mundo, nem sempre agem de acordo com o merecimento das boas obras. Mário foi quem veio contar-lhe, emparelhado com o jornalista Rogaciano Leite, as irreversíveis aflições do cedo: “O velho está acabando, doutor. Acho o negócio feio”.

Quando o homem simples, do interior, acha o “negócio feio”, é mesmo feio. E eu me desabava então, já comovido, certo de que o grande bardo dos sertões cearenses, o seu maior rapsodo, não teria mais forças para resistir ao desafio da morte. E me lembrei que a morte é mulher e o cego, repetidas vezes, me dissera da ojeriza de cantar com mulheres... Aquele era um desafio impossível, um desafio cuja derrota aconteceria por antecipação...

Vi-o depois já sem vida. O mesmo homem que conheci, sereno, compenetrado. Agora, estava realmente cego para o mundo, porque Deus, que o queria com outras luzes, o estava certamente mostrando as benesses do Seu Reino. Não carecia mais de viola, de batidas seguras e estridência demoníacas. Para onde caminhava, numa derradeira peregrinação, não mais precisava exhibir-se como cantador e tocador de viola.

Deus o aposentara definitivamente, e ele, de herança, deixava para nós um mundo inteiro de recordações.

Ninguém o esquecerá jamais. Ao passar dos anos, mais e mais se tornará indelével a obra poética de tão grande cantador do Nordeste, aquele que encontrou as noites sertanejas, e que foi o cinema e a televisão do pobre, o grande espetáculo de sabedoria dos terreiros, de serras e vales.

Sua voz grossa, modulada, precedida de um pigarro limpador de sons estranhos, ainda perdura nos meus ouvidos, – melhor, no meu coração, cantando as mais sentidas poesias.

Solteirão até morrer, com 90 anos que completou a 24 de junho de 1967, forte e rijo, apesar das complicações de uma amebíase, Aderaldo Ferreira de Araújo, ou simplesmente, o cego Aderaldo, durante tanto tempo foi o mais expressivo cantador popular do Nordeste. Não será exagero categorizá-lo em termos nacionais. Aderaldo nasceu, como todo mundo, com olhos de ver as coisas. A escuridão insidiosa que o acudiu, prostrando-o cego aos dezoito anos, “após beber um copo d’água”, como costumava repetir, deu-lhe o destino da cantoria, marcou-o para sempre. Penalizados, dois ou três amigos ofereceram-lhe a primeira rabequinha que possuiu e na qual se acompanhou até acabar-se. Sem pai, sem mãe, com os irmãos desgarrados pelo mundo, aprendia a cantar ou iria, de porta em porta, implorar à caridade pública. Optou por ser o bardo que o País todo admirou, aninhando em seu coração a ambição que o tornaria famoso “cantador de viola”.

No dia em que perdeu a mãe, Maria Olímpia de Araújo, foram convidá-lo para exhibir-se. Viajantes endurecidos, que corriam as cidades do “hinterland” vendendo mercadorias, a se divertir com populares, não se sensibilizaram à notícia do falecimento da genitora do cego. Bebidos possivelmente, desejavam ouvir o cantador, os repentes deste, e testemunhar talvez os seus tropeços na arte que, por necessidade, abraçara havia pouco. “Queremos é que você

cante. Cante e terá dinheiro para enterrar a velha.” E o cego, ferido profundamente, guarda a crônica desse dia, assim se manifestou com a voz trêmula e sofrida:

“Oh meu Deus, do alto céu,
Lá da celeste cidade,
Ouça-me cantar à força,
Devido à necessidade,
Aqui chorando e cantando,
E mamãe na eternidade...”

“Perdoe, minha Mãe querida,
Não é por minha vontade:
São as torturas da vida
Que vêm com tanta maldade,
Chorarei meus sentimentos
De vê-la na Eternidade.”

Daí por diante, por mais vinte ou trinta anos, Aderaldo fez-se nômade. Entrou a caminhar pelos sertões do Ceará e Estados limítrofes, a exhibir-se ao som da rabequinha. Cantava mal então, é o testemunho de muitos, e dele próprio. Ninguém lhe adivinhava ainda aí a espontaneidade no improviso, a palavra exata, a ironia ferina desferida em determinadas situações, a decretar o fracasso dos seus contendores. Cantador famoso, por esses idos, era Zé Pretinho, considerado um ídolo pelo seu Estado natal. O destino juntou-o um dia ao cego, em 1916, no lugar de nome Varzinha. O desafio então travado, dos mais discutidos, apagou a estrela do mulato e acendeu a do cantador cego que, para diante, principiou a ser respeitado. O cego não escondia: “Comecei a reinar desde o dia em que dei aquela pisa em Zé Pretinho”.

Realmente, foram anos, esses, de compensadoras vitórias para Aderaldo. A sua mente desabrochava; apanhando um mote, por difícil que fosse, transformava-o em rica peça. Em 11923, o Cel. Cintra propunha-lhe: “Como veio ao nosso bem/ Viva o doutor João Tomé”. O cego, imediatamente, glosou-o:

“Faltava um governador
Para o nosso Ceará.
Jesus enviou de lá,
Este excelente doutor,
Na hora que ele chegou
Cresceu o povo com fé.
E perguntavam: quem é?
E o anjo de Belém,
Como veio ao nosso bem,
Viva o doutor João Tomé!”

Haveria o repentista de glosar sempre com invulgar facilidade. Essa qualidade, assinalando o artista inteligente é ágil, deu-lhe o merecimento natural de participar dos acontecimentos sociais de Fortaleza. Fazia gosto, nos anos que vão de trinta até fins de cinquenta, ouvi-lo na fatura dos motes atirados ao encontro de seu improviso fácil. Ao Sr. Plautílio Ferreira, em Quixadá, em 1942, que lhe ofereceu o mote “Eu vi um manto dourado/ Cobrindo o sol p’ra dormir”, o cego, rápido, acudiu:

“Eu vi o céu recamado,
A terra coberta em flores.
Ponteadas de multicores...
Eu vi um manto dourado
E Deus do céu sentado

Lendo o livro do Porvir
Para a Santa Mãe ouvir
Aquela Sagrada História...
Vi a Deusa da Vitória
Cobrindo o sol p'ra dormir.”

O padre Cícero Romão Batista fez parte do número dos seus admiradores. Certo dia, mandou-o chamar à sua casa. Queria divertir os políticos e amigos do deputado Floro Bartolomeu. Aderaldo iniciou o canto submisso ao taumaturgo dos sertões cearenses:

“A ordem do meu padrinho,
Vou colher algumas flores...
Fazer minhas poesias
Cheias de grandes louvores,
Saudando, primeiramente,
A Santa Virgem das Dores.”

Corria o ano de 1923. E o cego confessa: “Eu agora só ficava satisfeito cantando p'ra gente grande, de importância”. “Era sábado, havia terminado a feira em Juazeiro, que transcorrerá muito animada. De repente, homem de voz grossa, petulante, procurou-o para cantar, não explicando quem o queria contratar, “mas que o homem estava disposto a pagar bem”. Meio contrafeito, mas entusiasmado ante a quantia a receber, o cego acompanhou o estranho emissário. Teve, então, a maior surpresa de sua vida. Virgolino da Silva, que se albergava na casa do Padre Cícero, aquele dia, era quem se interessava em ouvir o cego; “Quero escutar esse danado!”

Aderaldo, com as honras da casa, sentou-se a um canto. O padre ordenou: “Comece, meu filho. Eu também não

me canso de ouvir você. E o repentista, desembaraçado, soltou a voz. No decorrer da peça pediu em versos ao rei do cangaço uma lembrança, ganhando, então, a pistola velha com a qual Lampião teria assassinado Antônio Castelo.

Aderaldo, afora a amebíase que o acometeu e os achaques de hérnia, de que foi operado com sucesso, há três anos, não sentia nada capaz de lhe perturbar a saúde. Era alto, espadaúdo; 1.70 de altura. Não esquecia a bengala de jucá queimado, em que se arrimava. Falava manso, como quem quer não querendo, e não obstante usar dentadura postiça, expressava-se sem dificuldade. Não casou, mas tinha um “filho”, Mário. Criou-o desde pequeno. Foi o melhor guia que teve, companheiro de exposições nos terreiros sertanejos. Quando se preparava o rapaz para casar, em junho de 1961, escreveu-me confessando: “No dia 30 do corrente, o Mário vai se casar. Vou ficar sem este grande elemento. Mas é Isto mesmo. Deus me dará outro, pois enquanto há vida, há esperança, não é mesmo?”

Junto ao bilhete me mandava estes versos:

“No dia 30 de junho
o Mário vai se casar:
A moça é sincera e boa
Tem coração exemplar.
Acredito que em futuro
Vão viver num santo lar.”

Já no seu ocaso, o cego dividia a sua existência sempre solitária com os ares de Quixadá – sertão de calmos ventos – e a impetuosidade do mar de Fortaleza, que adorava. Não parava de fazer versos, era esse seu fadário:

“Canto para distrair
Este meu curto poema:
Vou fugindo da miséria
Que é este o penoso tema
Desta terra de Alencar,
Deste berço de Iracema.”

Sabia milhares de histórias e aventuras de suas noites de cantoria. A de que mais gostava, a do negro assassino (autor de quatro mortes sanguinárias) que se atrelou à sua comitiva certa vez. A passagem de um rio, ao cruzar o cego com um fazendeiro presunçoso, este perguntou àquele se a cidade, dali, demorava muito. O negro apressou-se em responder, ao que o outro, desabusado, retorquiu estomagado: “Não estou falando com você, seu negro”.

O cego adorava relembrar a cena. Contava que ouviu o ruído do negro desmontando-se da limária e, rápido, dirigir-se ao fazendeiro, dizendo áspero ao outro, desabusado: “Dobre a língua, seu malcriado. Se nunca apanhou na vida, de chicote, apanha agora.” O couro retorcido do açoite desferido pela mão do cangaceiro passou a fustigar o fazendeiro num corretivo tão enérgico que lhe ia custando a vida.

Há um mundo de curiosidade na vida do cego. Farto de cantorias, houve tempo em que preferiu ganhar a vida com um gramofone. Carregava-o debaixo do braço e, aonde chegava, punha-o a funcionar, cobrando cem réis por audição de cada disco.

Apreciava cantar para meninos de graça – me disse um dia. “Não tenho medo de fantasma nem de bicho, mas temo a alma perversa do homem.” Não gostava de cantar com mulher. Cantou, uma vez, durante três dias. Sabia de cor todos

os versos, os que criou e os que ouviu aos seus contendores. Possuía memória privilegiada. Não apreciava homem de fala fina, nem aceitava louvar os outros por encomenda. Só se regalava quando elogiava a quem admirava.

O cantador destemido de tantos desafios, que impressos em folhetos ainda correm de mão em mão nas feiras do Nordeste, ou vivem na memória de seus admiradores, continuou o mesmo homem de coração puro, bom, sensível às belezas da natureza que testemunhou até cegar; até tomar sem vida.

Viajando de trem, de Recife para Maceió, anos atrás, o cego ouviu que discutiam a beleza da paisagem vespertina. Pediu licença aos companheiros de viagem para também expressar a sua alegria ante a paisagem tão bonita que viam, ele “vendo” também a seu modo:

“Com a beleza dos campos,
Eu estou maravilhado,
Por contemplar, às seis horas,
O sol morrendo dourado,
Espargindo os seus reflexos
Pelo horizonte azulado.

“Por minha vez sou privado
De olhar o verdor dos campos.
Os raios do sol dourados
Como loiros pirilampos
Na cabeleira das nuvens
Pregando formosos grampos.”

Embora não figure em seu livro de memórias, por extravio ou omissão voluntária, vale a pena transcrever-se nesta oportunidade o debate que travou com um cantador alagoano, que, não se expressando corretamente, por se-

rem deficientes àquele as artes do canto e da instrução,
nem por isso deixava de embaraçar os seus adversários.

O cego narra como nasceu a idéia do desafio entre os
dois, em Baturité:

“No dia 8 de Abril,
De manhã, fui visitado
Pelo Manuel Barba Azul,
Dizendo, fui convidado
Para lhe dar uma pisa
Em paga das que tem dado.

“Eu, com aquelas palavras,
Tive paixão, medo e susto.
Reuniu-se o pessoal
no bilhar do amigo Augusto,
- Mais de trezentas pessoas
chegaram sem grande custo!

“Ouvia-se os comentários
dizendo o cego não ganha,
outros diziam: - garanto
que ele perde a façanha;
Barba Azul dizia - hoje
eu juro que o cego apanha.

“Entramos para uma sala
Procurando posição,
Ganhamos palmas e vivas
na entrada do salão,
face a face nos sentamos
no meio da reunião.

“Afinamos os instrumentos
e depois da afinação
o negro fez na viola
uma tal entonação,
que fez desaparecer
o som do meu violão.”

Barba Azul era insolente; não se apercebia dos erros que cometia no decorrer da cantoria. Aliás, a troco dessa maneira canhestra de cantar, ferindo a construção das frases, quase sempre provocava a capitulação do competidor. Tudo indica que o cego, ladino como era, compareceu ao desafio ciente dos percalços que haveria de enfrentar. E a sua vitória, essa noite, foi erguida exatamente sobre as falhas de linguagem, inúmeras, do adversário. Logo no início da cantoria, foi o que se adivinhou, quando Manuel Barba Azul cantou:

BA – Seu Aderaldo Ferreira
Diga tudo o que quiser
Mais tarde é que o sinhô sabe
a fôrça do meu livé;
eu discôrro a gramáta
cumo arame in carrité.

A. – Barba Azul, por tua língua,
Tu és indigno da tática,
Penso que não é cabível
Você tocar em gramática,
Querer sujar com a língua
Um livro de tanta prática.

- BA – Já vi que seu Aderaldo
quer fugir mais num escapa,
vamo cantar um pouquim
O Brazi cum todo mapa
Que já vi, qui na gramáta,
Vosmicê só sabe a capa...
- A. – Barba Azul, então, tu queres
Ver como o cego se assanha
Vamos cantar na gramática!
Saber dos dois quem apanha,
Siga na primeira parte
Mostrando a sua façanha.
- BA – Aderaldo eu quero é verbo
onde eu sou apreciado,
dispois é qui nós intramo
cantando, interrogando;
home qui canta cumigo
pricisa munto côidado.

O cego parte já aí para a definição dos tempos de verbo, enquanto o outro arremete, a seguir, com o indicativo presente do verbo fumar. Barba Azul é manhoso; chama para o tema e foge dele, sem dar a entender ao público que é pobre de conhecimentos. E o desafio prossegue até o momento em que Barba Azul, – tudo indica que de propósito –, passa a cantar numa linguagem ainda mais crivada de erros, em que é patente a intenção de apanhar o cego numa armadilha, levando-o ao ridículo.

MB – Hoje, eu vim cantar
mais num quero paz
cum cego incapaz;
só quero é brigar,
vamo pelejar
nós dois in duelo,
cantano martelo,
tu me chamou prêto,
prometeu-me espêto,
sujeito amarelo!

A. – Negro, eu pouco ligo
estando em meu país,
hoje o mau que fiz
foi cantar contigo,
sem ser teu amigo,
negro desgraçado,
apanha calado
para não ser ruim,
em dez negros assim
eu já tenho dado.

MB – Vai conforme o sardo
neste paganismo,
eu hoje só cismo,
não ganhar um cardo
cum seu Aderardo
me abodegano,
sempre martelano
cum garganta forte,
o frio da morte
tá me vintano.

A. – Vai meter-se em pau
para não ser ruim,
como veio a mim
coma bacalhau,
e não ache mau,
hoje o que eu lhe dou
vais achar sabor
na macaca crua,
e a janta sua
é chiqueirador.

E evidente a deturpação das palavras, como dissemos antes, de forma propositada, de parte do cantador alagoano. Não obstante ciente disso, o cego prossegue a lengalenga com equilíbrio, procurando tirar proveito de sua sabedoria. Não tarda, como se verá, irritar-se com o ardil de Manuel Barba Azul.

A. – Pode ir embora,
nada diz que preste,
traz o mundo a peste
no lugar que mora,
és um negro espora,
todo mundo diz,
chacal infeliz,
cantador sem rima,
tu não tem estima
para teu pais.

BA – Sabes qui Mané
chamam Baiba Azú,
cantando cum tu,
diz tudo qui quê,

já tem no fié
da minha balança,
perdi a esperança,
já sei qui num pego,
parece qui o cego
no cantar não cansa.

A. – Negro, cante sério,
que eu não quero botes,
Judas Iscariotes,
tu não forma império,
só no cemitério
tu será assunto,
porque teu conjunto
não merece palmas,
grito: – irmão das almas,
leve este defunto!

Manuel Barba Azul sabe o que quer. É ardiloso. Já usou das mesmas armas para derrotar outros cantadores igualmente inteligentes. Sente, então, que principiou a comprometer a paciência do cego. Mas este, seguro, percebe a seu turno a força e a astúcia do adversário que enfrenta.

Vale a pena acompanhar atentamente os versos que se seguem para conhecer a profundidade do conhecimento e talento do cego:

BA – Eu lá no Pará
cantei cum Godêncio
cum Antônio Merêncio,
qué cantor de lá,
também vi falar

num cego cantor,
qui pru lá chegou
e foi sêo Aderardo
lá ganhou um sardo,
Porém ingordou...

A. – Negro para mim,
penso que é mentira,
que a tua lira
nunca vi tão ruim...
e cantando assim
de ruim a pior
teu prestígio é só
de cantor de samba;
estás de orelha bamba
de levar cipó...

BA – Eu me descarto
qui num tou mentindo,
tou é divertindo.
Só num canto arto
nem também dou sarto
de perder cantiga,
a palavra liga
no zuá do peito
se num tá direito
vomincê me diga.

A. – É inabalável
minha poesia
sobre cantoria
negro miserável!

Sou semi-incansável
estando em peleja
quero que tu veja
de que forma apanha
pé de bater banha,
meu cativo seja.

BA – Vou mudar de linha
deixando a parcela,
qui num gosto dela,
qué munto mesquinha
e nela sozinha
é qui estás ativo
purisso eu me isquivo
num quero teimar;
tu já quer tomar
u pu teu cativo...

A. – Cantemos em um,
ou querendo, em dois,
três, a mim depois,
quatro é meu comum...
cinco é meu jejum,
seis é sabedoria,
sete, eu escrevia,
oito, estou na fama,
nove, o povo chama
dez de poesia.

BA – Um também eu canto,
dois, sou cantador,
três, eu tenho amor,

seis, eu me garanto,
sete, eu entendia,
oito, é cantoria,
nove, se pode crer,
dez, eu vou fazer
dez de poesia.

A. – Sei que é assim
este cantar teu,
a conta perdeu,
ficou bem ruim...
é bom dar-se fim,
que esta surra eu vejo
cumprir meu desejo,
para descansarmos
e agora cantarmos
em prosa o gracejo.

BA – Vi um boi cum doze fé,
uma caveira sem osso,
um carneiro sem pescoço,
vi quinaquina dar mé,
vi balança sem fié,
vi pau seco fulorá,
vi um defunto falá,
aranha fazer tijolo,
mosquito fazendo rolo,
qui me fez admirar...

A. – Nem ti fez admirar
um mosquito fazer rolo,
aranha fazer tijolo,
nem defunto falar,

nem pau-seco florar,
nem balança sem fiel,
nem quinaquina dar mel,
nem carneiro sem pescoço,
nem caveira sem ter osso,
nem viu boi com doze fel...

BA – Bate a campã ti-ti-tim,
Traco-traco, a lançadeira,
No açougue é molequeira,
a véia vende alfinim,
menino corta capim,
o homem véio caduco,
batendo no chão, faz puco;
lá na casa do saráu
onde o gato faz miau
e o fole faz vuco-vuco!

A. – Nem fole faz vuco-vuco,
Nem gato faz miau,
Nem na casa do saráu,
Nem bater no chão faz puco,
nem homem velho é caduco,
nem menino corta capim,
nem velha vende alfinim,
nem açougue é molequeira,
nem traco-traco é lançadeira,
nem bate a campã ti-ti-tim!

BA – O defunto meu avô
tinha três santos na venda,
tinha quatro na fazenda,
os cinco qui ele emprestou,

tinha seis no logradô,
sete no João Calafarte,
oito no seu João Duarte,
tinha nove na cintura,
ele tinha com fartura
Santo Antônio pur toda parte.

A. – Nem Santo Antônio por toda parte,
nem ele tinha com fartura
nem tem nove na cintura,
nem tem oito no seu João Duarte,
nem sete no João Calafarte,
nem seis lá no logradouro,
nem cinco que ele emprestou,
nem quatro na fazenda
nem tem três santos na venda,
nem o defunto é o teu avô!

E terminando a porfia, das mais comentadas no Nordeste, depois de ver o adversário retirar-se vencido, o cego cantou feliz:

“A vida traz isso tudo,
do mundo toda ciência...
É preciso inteligência,
Respeito a ser estudado,
A memória Deus me dá,
Lembrança para versar,
De mais a mais, trabalhar,
Obrando este conteúdo...”

Houve de um tudo na vida longa e proveitosa do impetuoso cego. Versos de louvor a Carlos Lacerda, outros,

de entusiasmo, ao brigadeiro Eduardo Gomes. E versos também tristes, que há episódios comoventes na vida de Aderaldo. Ele não esquecia por exemplo, as emoções que o inspiraram na poesia “As Três Lágrimas”, dedicada à memória de sua genitora. “Foi a criatura mais linda que Deus me deu”, confiou-me um dia.

Dele, ficaram tantos momentos de inspiração e um esplêndido sentido de solidariedade humana; a agilidade mental em inteligentes repentes e o anedotário que, miudamente, se forma ao redor dos santos, heróis e cantadores de respeitável estatura.

Mas ninguém esquecerá que em tão extraordinário bardo sertanejo esteve sempre a marca indelével do infortúnio, a cegueira, que o fazia cantar vez por outra, amargurado:

“Quis casar-me, oh! Que loucura!
Quando pensei em casar,
Deixei e fui meditar,
Fui pensar na vida escura,
Neste cálice de amargura
Que recordo dia a dia,
Ouço apenas a melodia...
Acostumei-me à flor de um goivo,
De repente fiquei noivo,
Me casei com a Poesia!”

Por ocasião do seu falecimento, dentre as comoventes palavras ditas ou firmadas, o poeta Jáder de Carvalho escreveu estas com surpreendente propriedade:

“A alma de Aderaldo nasceu – e disso tenho certeza – sob o sol de fogo de Quixadá, ao pé da mãe viúva, que tão

pobre, teve de empregar a dois vintéis por dia o orfãozinho de cinco anos. Mas onde essa alma tomou a força que iria mostrar depois, ao longo de quase um século, aí, foi na tenda do ferreiro Antônio Henrique. Quem, neste Brasil, não viu, não sentiu, não festejou essa alma feita de pluma e ferro, de gorjeio de pássaro e esturro de onça, que, no calor dos desafios e ao nervosismo das violas, era tudo que havia de mais feroz, de mais lírico, de mais bárbaro e de mais belo no país dos nordestinos?

Ah, por isso, ao despedir-me de Aderaldo, no enterro de anjo que os amigos lhe deram, eu disse de Quixadá. E falei certo, meus senhores. No Crato ficou o umbigo do rapsodo. Mas foi Quixadá, com a sua Pedra Faladeira, a sua Galinha Choca, o seu riozinho calado entre rochas agressivas sob o sol e moles como cera, quando faz luar, – foi Quixadá – e só ele – a pátria legítima da alma contraditória do imenso cantor agora morto. Essa alma – bem que todos sabemos! – era flor de manjerição, mel de jandaíra, ponta de faca, voz de ave, ferrão de abelha. Ah, sobretudo, ferrão e mel de abelha...”

JOSÉ DE MATOS, O POETA DO CARIRI

*Eu e a Serra do Araripe,
Vivemos tristes, cantando...
A serra em brancas correntes,
E José de Matos rimando...*

JOSÉ DE MATOS

Aquelas qualidades de inteligência e rapidez de raciocínio atribuídas ao sertanejo despontam com apreciável valorização nos cantadores e repentistas, nesses admiráveis rapsodos, redivivos no tempo, que, ainda agora, em plena dominação dos processos de reprodução eletrônica, em feiras e quermesses, continuam impondo-se à admiração do povo, eterno solidário de suas exibições poéticas.

Na galeria de nomes famosos, do gênero, no Ceará, em que avulta a figura exponencial do cego Aderaldo, há um repentista de sempre louvada vocação, o poeta José de Matos, que, desaparecido há decênios, conserva intacto, não só na zona que o viu nascer, o Cariri, mas em todo o

Ceará, uma posição de perene atualidade, com os seus versos repetidos por quantos não o desejam esquecer.

Outros estudiosos e pesquisadores, através de livros, e será o caso de José Carvalho, ou de artigos insertos em jornais da terra, assinados por J. Figueiredo Filho, têm contribuído para levantar, através do tempo, idéia bastante aproximada da figura do grande versejador e boêmio do Cariri, o Zé dos Matos, cujas peças, de sua autoria, são ainda comentadas tanto por pessoas importantes como por outras de origem bem modesta.

Sobreleva nesse interesse comunitário a preocupação daqueles que, sem outra razão a não ser a da admiração pelo artista, através desses anos têm procurado recolher, espontaneamente, as diversas poesias e repentes, que, ouvidas a um e a outro, ou lidas em almanaques, não fossem passíveis desse zelo, certamente já teriam caído no esquecimento, ou, pelo menos, restado deturpadas pela transmissão oral pouco respeitadora das origens.

E sintomática a preocupação do cearense pelos seus poetas populares, e esta manifesta-se, para exemplificar, quando José Carvalho, interessado como nós outros na vida e obra de José de Matos, houve por bem manifestar pela imprensa o desejo de ter informes de pessoas que se acudissem de igual empenho e que, logicamente, tivessem convivido com o poeta caririense.

Não tardaram os colaboradores prestimosos, uns, por intermédio das páginas do *Correio do Ceará*, como o Dr. Manuel Monteiro, que elucidou o episódio do anão que o capitão Benedito Garrido trouxe de Pernambuco, pondo-o a soldo em sua mercearia, mais talvez por pilhéria do que propriamente por serventia doméstica.

Outros, igualmente pressurosos, atenderam à perquirição do folclorista autor de *O Matuto Cearense e o Caboclo*

do Pará: o Dr. Manuel Fernandes Távora, jornalista J. Carvalho Nogueira e Antolino Peixoto de Alencar, uns e outros com notícias e comentários quase sempre oportunos à margem do material recenseado.

Essa preocupação prossegue neste trabalho que outro objetivo não o anima senão o de igualmente contribuir com mais subsídios para o aperfeiçoamento da imagem que, de justiça, dever-se-á ter do festejado poeta, não obstante a sua vida de dissipação em que prevaleceram as bebedeiras pelos botecos do Cariri, mas que deixou na memória do povo peças de apreciável valor poético, não sendo menor, em algumas, um ágil e invejável espírito de repentista.

Sabe-se, por intermédio de José Carvalho, – que o conheceu pessoalmente, quando criança, como refere no já citado livro – que José de Matos “era um caboclo, genuíno caboclo, sem mistura ou mescla de outro sangue”, “tipo meão”, cheio, tórax larguíssimo, cara larga, venta chata, cabeça bem proporcionada, olhos pequenos, vivíssimos, e voz cheia, retumbante”. Irrequieto, como todo desocupado, – como relatou o Sr. José Pinheiro Esmeraldo ao folclorista J. Figueiredo Filho –, “o bardo gostava de passear no outro lado da serra, em Exu, Ouricuri ou Bodocó”. E nessas andanças ia espalhando os seus dons poéticos, ora a propósito da natureza, ora em decorrência de circunstâncias que bem podiam suceder à necessidade de beber sem dispor de dinheiro, de pedir uma esmola, de participar de uma eleição, e, até, sem querer, como aconteceu certa vez, de ser o preso para inaugurar uma cadeia.

São discutíveis, entretanto, algumas de suas peças. Com bastante propriedade o autor de *O Matuto Cearense e o Caboclo do Pará* escreveu que “... em muitas quadras de José de Matos, há a anotar uma observação interessante;

é que são elas de rimas duplas, que é uma característica das quadras de origem culta; fazendo, portanto, supor que tenham sido “arranjadas” por quem as cita. O Sr. José Aires Filho, quem me forneceu, em manuscrito, a maior parte das informações de que me utilizo, transcreve uma quadrinha sobre o dogma da virgindade, que, ainda hoje, é ouvida no Cariri como de autoria do poeta José de Matos. A propósito vale repetir o que escreveu Leonardo Mota à margem de assunto semelhante em seu livro *Cantadores*: “O simples confronto das coletâneas organizadas por nossos folcloristas, bem como o estudo comparado das antologias brasileira e portuguesa, revela que se perpetuam acompanhadas de variantes as mais apreciáveis estrofes populares. Exemplo disto é a célebre quadra:

“No ventre da Virgem Mãe
Encarnou Divina Graça;
Entrou e saiu por ela
Como o sol pela vidraça.”

O pesquisador prossegue demonstrando que os mesmos versos foram incluídos nas *Mil Trovas Portuguesas*, e no *Ramalhete de Cantigas Populares*, de Carolina Michaelis, e no *Cancioneiro do Norte*, de Rodrigues de Carvalho, que “afirma que em Tabuleiro de Areia (Aracati, Ceará) um cantador matuto, filósofo sertanejo, de chapéu de couro, cantava diferentemente:

“No ventre da Virgem Pura
Entrou a Divina Graça;
Como entrou, também saiu:
Como o sol pela vidraça.”

José de Matos seria, para muitos, o autor da quadra que se segue, e que não deixa de ser variante daquela que pelo mundo transita normalmente, sem autoria definida:

“No seio da Virgem Pura
Entrou a Divina Graça;
Como entrou, assim saiu,
Qual o sol pela vidraça.”

Aproveitando a proximidade do assunto, é conveniente que se diga que Leonardo Mota em *Viroleiros do Norte*, referindo-se ao poeta Luís Dantas Quesado, conta que este, a contragosto, glosou o mote “Terra boa é o Cariri!” da seguinte maneira:

“Em cima daquela serra
Tem mangaba e tem pequi,
Tem muita moça bonita
E cabra bom no quiri
Ao redor de quatro légua
Tem cabra mama-na-égua...
Terra boa é o Cariri!”

Mais ou menos nessa linha de idéias, são atribuídos a José de Matos os versos que o poeta teria improvisado, certo dia, numa feira em Missão Velha, quando lhe negaram um pequi:

“Na serra do Araripe
Tem mangaba e tem pequi;
Tem muita moça bonita,
Tem cabra bom no quiri.
Aqui, nesta Missão Velha,

Ao redor, umas três léguas,
Tem cabra filho de uma égua
Que me nega um pequi!”

Tudo indica que os versos de José de Matos alcançaram melhor qualidade, embora a autoria atribuída pelos informantes de Leonardo Mota, a Luís Dantas, prejudiquem a sua legitimidade. Mas é forçoso considerar que no repente de José de Matos há uma urdidura lógica: a ofensa “cabra filho de uma égua” é jogada sobre quem lhe nega o obséquio, ou seja, a entrega de um pequi, fruto comum na serra. Por outro lado, não tem cabimento o vocábulo fuzil como se vê ali escrito, grafado erroneamente (Por que ele apenas nos versos?), num grosseiro recurso para a rima. Na verdade, o povo ao ouvir os versos não atinou que o termo certo é quiri, usado pelo poeta do Cariri. Quiri, em linguagem nordestina, é “bengala grossa”, “cacete”, como registra Caídas Aulete.

Esses comentários despretensiosos têm um único objetivo: demonstrar como é difícil eleger os versos que pertenceram realmente a um poeta popular, quando de sua morte são decorridos muitos anos e ninguém se lembrou, com mais cautela, de fazer o levantamento da obra que deixou.

Em narrações curtas, a seguir, onde o anedótico será evitado, procuraremos arrolar todos os versos que pela incidência de opiniões indicam ser, na realidade, de autoria de José de Matos. Em uma ou outra circunstância, para comparação de interesse dos estudiosos, reproduziremos variantes divulgadas anteriormente.

Ao pedir esmola à porta de um certo João Leite no Crato, José de Matos, “tocado” pelo álcool, ouviu a indignação do dono da casa: “Por ali, seu vagabundo!” O poeta

reparando no aspecto físico, curvado, de quem lhe falava assim, respondeu com azedume:

“Vou contar ao delegado,
Vou dizer a seu tenente,
Que na casa de João Leite,
Quem não é torto, é demente!”

Esse aspecto de impertinência, referido pelo Dr. Fernando Távora, que o conheceu, é comum no poeta. Vem, a propósito, transcrever o repente recolhido por J. Figueiredo Filho, em circunstância parecida, quando José de Matos, ao querer adquirir aguardente com um “boró” de um proprietário de firma cujo conceito no Cariri não era lisonjeiro, viu-lhe obstada a intenção pelo dono da mercearia, mandando suspender a venda:

– Não recebo boró do Ramalho!

O poeta zangou-se e depois de momentos de reflexão, saiu-se com esse improviso, brado de revolta de sua perene veia poética satírica:

“Se a mente não me engana,
Se me não nega o espírito,
Pelos olhos eu conheço
É da família dos Brito.
Sua mãe, Rosa Carvalho,
Seu avô, Iôô de Brito,

“Menino me dê um vale,
Nem que seja do Ramalho.
Só não quero de Jeronias
Que da família dos Currais

Tira-se o Capitão Zeco,
Este mesmo não é certo,
Dá pra frente e dá pra trás.”

O célebre episódio, narrado por Rodrigues de Carvalho, de que participam o poeta, o mestre de rapadura Luiz Quintiliano e o dono do engenho, é assim contado por José Aires Filho:

José de Matos tendo chegado ao engenho de Rosa Carvalho, em dia de trabalho, dirigiu-se sem-cerimoniosamente ao mestre de rapaduras, no improviso:

“Seu Luiz Quintiliano,
Eu sou da raça tapuia;
Para adoçar minha guéla,
Bote-me mel nessa cuia.”

Luiz Quintiliano, que também versejava, deu-lhe pronta resposta:

“Amigo José de Matos,
Esse engenho não é meu;
Mostre sua cuia ao dono,
Foi ordem que ele me deu.”

José de Matos voltou-se para o dono do engenho, que apreciava os seus dotes poéticos, e recitou:

“Senhor dono desse engenho,
Fui agora desfeito
Por Luiz Quintiliano,
Caboclo muito safado.

“Na era de setenta e sete
Eu conheci esse ingrato
Preso, cumprindo sentença,
Lá na cadeia do Crato.

“Fui eu quem matou sua fome,
Fui eu que o socorri
Matando para ele comer
Os ratos do Cariri.

“E agora nesse engenho,
Estando de barriga cheia,
Não se lembra do amigo
Nem dos tempos da cadeia!

Tenho fome e não nego;
Valha-me, seu coronel!
Por sua delicadeza,
Dê-me um pouco desse mel!”

Rosa Carvalho mandou, então, servir à cuia de José de Matos, que, em seguida, agradece:

“Senhor dono desse engenho
Estou-lhe muito obrigado
E a Luiz Quintiliano,
Caboclo muito safado.

“O mel bebido puro,
Tem um gosto de meizinha,
Para adoçar minha guéla,
Bote um pouco de farinha.”

Outro famoso repente, que persiste na memória do povo, foi proferido pelo poeta quando, por circunstâncias pitorescas, indo ao Saco do Martim (Pernambuco), acabou inaugurando a cadeia do lugar. Rodrigues de Carvalho, a propósito, cita os versos que Pio Carvalho, seu irmão, recolheu no Cariri:

“Senhor Jesus do Bonfim,
Neste escuro sem candeia,
Vim visitar a cadeia
Deste Saco do Martim!
Todos foram contra mim,
Nem um só me protegeu,
Foi sorte que Deus me deu,
Dela não posso fugir,
Tudo bebe até cair,
Quem paga o pato sou eu!”

Pela informação de José Aires Filho, os versos teriam sido cantados de outro modo:

“Senhor Jesus do Bonfim,
Sem azeite e sem candeia,
Vim visitar a cadeia,
Desse Saco do Martim.
Todos foram contra mim,
Foi sorte que Deus me deu
Todos bebem até cair,
Quem paga o pato sou eu.
Tristonho, qual fariseu,
Nesta praga de urubu.
Quase morto e quase nu
Aonde o ferro se esbandalha,
Pelas barbas de seu Maia,
Mande-me soltar, Salú!”

Entretanto, tudo faz crer que os versos originais são em número de dezesseis, distribuídos em quadras ou “versos de quatro”, como ensina Luís da Câmara Cascudo. Sob esse raciocínio, a peça estará descrita assim:

“Senhor Jesus do Bonfim
Sem azeite e sem candeia
Vim visitar a cadeia
Deste Saco do Martin.
“Todos foram contra mim
Nenhum só me protegeu
Foi sorte que Deus me deu
Dela não posso fugir.

“Tudo bebe até cair
Quem paga o pato sou eu
Tristonho, qual fariseu
Nesta praga de urubu

“Quase morto e quase nu
Aonde o ferro se esbandaia
Pelas barbas de seu Maia,
Mande-me soltar, Salú!”

Por ocasião da grande seca de 77, que haveria de marcar o Ceará com o seu rastro de morte e misérias, José de Matos exagerando a fome que sentia, aproximou-se de um vendedor popular que descera da serra, para negociar, e pediu um preá (*Cavia aperea*, C.). Era dia de feira; o homem nada havia apurado, e negou o roedor ao “mordedor” profissional. José de Matos saiu-se com o repente:

“Amigo, dê-me um preá
Por tudo quanto é decente
Por vida de seus parente(s)
Por vida de sua Iaiá!
Diga se dá ou não dá,
A fome está-me matando!
Estou pedindo, estou rogando,
Amigo, dê-me um preá.
Seja grande ou pequeno,
Prometa siquer, ao meno (s)
Amigo, dê-me um prea.

Em Cruz dos Altos, lugar assente entre Crato e Juazeiro, no Ceará, certo dia José de Matos largou-se ao chão, embriagado, sem dele poder aluir-se. Passavam vendedores de café para a feira do Crato e ao avistarem o poeta à margem da estrada, falaram:

- Home, te alevanta, vamo'sembora pro Juazeiro!

Abrindo os olhos, o poeta fez esta famosa peça em dez versos ainda hoje repetida com agrado nas comunidades interioranas:

“Eu me sinto tão pesado,
Chega dei um passo perro...
Eu penso que sou de ferro,
Ou no chão estou pregado.
Saio daqui arrastado
Ou partido em quatro tora.
Isso mesmo com demora,
Só assim me aluirão.
De outro jeito, num vou não,
Quando puder, vou-me embora!”

O deputado Wilson Machado, que sabe de cor inúmeros versos desse inspirado poeta, recitou-me a definição de foguete feita por ele, de improviso, por ocasião de uma festa no Crato:

“Taboca, barra e barbante,
Enxofre, salitre e carvão,
Quando corre pelo chão
Atrás de um infeliz,
Queima calça, camisa e ceroula,
Queima do bico da rola
A boca do “xafariz.”

A respeito de um veterinário “competente”:

“Nunca vi veterinário
Competente desse jeito
Conhece qualquer defeito
É um homem extraordinário
Entende como um vigário
Quando as coisas estão de agouro
Mas quando a sarna dá no couro,
Ou a aftosa ataca,
Pega no pulso da vaca,
E conhece a intenção do touro...”

Numa roda de pândegos, fornecendo a receita de um cristal para um caboclo pálido que o queria ridicularizar:

“Um quilo de rosagal
Cinco de terebentina
Misturado com urina
Pólvora, limão e sal...”

De pimenta, um bom quintal...
Pisado a ôio de martelo,
Sem faltar nenhum farelo...
Botando com um canudo,
Com licença dos mais, tudo,
No rabo deste amarelo..."

Dando a sua opinião política, em Barbalha (Ceará),
em que pontificava um sacerdote como prócer em evidência:

"De forte, Neco Ribeiro,
Antônio da Costa Araújo.
Rompo tudo, rujo-rujo,
Dos embarcados, primeiro,
Sou do partido Praieiro,
Aqui nesta eleição.
Já dei minha opinião
Sou Praia, sou Saquarema,
Sou ovo de duas gema(s)
Quero bem ao padre João."

José Carvalho encerrou o trabalho sobre José de Matos transcrevendo os versos deste sobre a Serra do Araripe. Os que recolhemos agora divergem um pouco, mas não alteram a beleza daqueles. Até poderíamos dizer; parecem-nos mais simples, mais ao jeito do cantar de José de Matos. Vão aqui como os recebemos numa contribuição de José Aires Filho, um humilde vendedor de baralhos, que já morreu:

"Eu e a Serra do Araripe,
Vivemos tristes, cantando...
A Serra em brancas correntes,
E José de Matos rimando..

“A serra em brancas correntes,
As águas mansas desliza...
O pobre José de Matos
Na vida não tem camisa...

“A serra ostenta garbosa
Canaviais verdejantes...
O pobre José de Matos
Na vida não tem amantes...

“A serra, na primavera,
Toda coberta de flor...
O pobre José de Matos
- Sem carinho e sem amor!”

O CANTADOR JOSÉ DA ROCHA FREIRE,
VULGO ZÉ MELANCIA

*Já fui forte e destemido
Cantador de alta classe.
Já cantei face a face
Com poeta garantido...
Com rima e verso medido,
Na matéria e em repente,
Quem fui eu antigamente,
Quem estou sendo hoje em dia,
Só resta da melancia
A casca e uma semente.*

ZÉ MELANCIA

A lagosta, de repente, no Ceará, de refeição de pobre, passou à de rico. Houve tempo, e não está distante, que a unidade podia ser adquirida ao preço de cinco cruzeiros velhos. Mas bastou que barcos franceses, de pesca, se aproximassem do Nordeste, por volta de 1960, para o crustá-

ceo, localizado abundante nas águas da costa marítima, atiçasse a gula do pescador profissional a soldo de firmas de grandes capitais. A pesca da lagosta é realizada com o jereré, este mede aproximadamente um metro de boca, e um e trinta de saco, o que se entende como “corpo do jereré”. A boca, um cordão corre em forma de cruz, e aí estão colocadas as iscas que distam umas das outras sete centímetros aproximadamente. De preferência, de sapuruna, sendo as de cação, às vezes, também utilizadas. O pescador escama o peixe; dá-lhe no lombo um talhe, tornando-o apetecente. Cada covo ou jereré “arrasta”, isto é, aprisiona até sessenta lagostins. Para içá-lo, faz-se necessária a corda, geralmente o cabo grosso em que é preso. Nos jererés de arame, a isca utilizada quase sempre é feita de canela de boi (mocotó). O arco-da-boca é de pequiá ou cipó de mufumbo.

Pescam-se nas costas do Ceará três qualidades de lagosta: 1) lagosta comum; 2) lagosta verde, cor de lodo, apelidada “lagostim chorão”. Esta não é produto comercial. 3) O tipo italiano, o lagostim verdadeiro. A terceira espécie é raríssima, não tem “chifres” mas nadadeiras. O pescador, principalmente da zona do Aracati, demanda ao mar às seis da manhã para apanhar a isca. Preparando-a na forma anteriormente descrita, parte para o mar alto, indo de pernoite, o que implica dizer que só regressa no dia seguinte.

Logo que o comércio de Fortaleza foi invadido pela lagosta, já aí oferecida ao público a preço elevado, o cego Aderaldo improvisou:

“Dizem que a lagosta é
Muito rica em vitamina.
Seu valor alimentício

Em muitas mesas domina.
Antes, foi da classe baixa
Hoje, é da classe fina.

“Noutro tempo os pescadores,
Quando nas águas pescavam,
Só pelos peixes comuns,
Seus pensamentos vogavam,
E o que se chama lagosta
Só por descuido pegavam...
“Hoje, estão abandonando
Os peixes na pescaria:
Envolvidos na lagosta
Pescam de noite e de dia
É esta a justa razão
Da tamanha carestia!

“Só se fala na lagosta
Onde vive o pescador,
Pois a pescaria dela
Oferece mais valor
Hoje, é pra presidente,
Deputado e Senador.
“O preço duma lagosta
Agora se representa
Como uma coisa medonha,
Que todo mundo comenta;
Custava vinte cruzeiros,
Agora custa sessenta!”

Em Canoa Quebrada, Praia de Aracati, quando escrevo essas notas, exerce a pesca mais de uma centena de pescadores que utilizam aproximadamente trinta e cinco

jangadas. O presidente da Colônia de Pescadores da área é o poeta popular José da Rocha Freire, vulgo Zé Melancia. Zé Melancia é “historiador” e cantador aplaudido na orla marítima. É “o cantador das lagostas”, pois não se sabe notícia de outro bardo popular que tenha demonstrado maior interesse pela pesca desse crustáceo. Foi cantador aos oito anos, como “fruta que vinga cedo”. E disse também em versos que, quando morrer, e deixar a praia de Canoa Quebrada, a sua viola deverá ser depositada em seu túmulo, “onde chorará uma alma sem vida”. E homem rude, cheio de melancolia:

“Já fui forte e destemido
Cantador de alta classe.
Já cantei de face a face
Com poeta garantido
Com rima e verso medido
Na matéria e em repente
Quem fui eu antigamente,
Quem estou sendo hoje em dia
Só resta da melancia
A casca sem ter semente...”

O pai, o velho Melancia, veio de Orós; foi lá que aprendeu a pescar. A família gosta de mar, afeita à arte de pescar. Até Lourdinha Melancia, a esposa, aprecia navegar também na jangada em hora de muito trabalho.

Zé Melancia proclama-se o “poeta da lagosta”; dos vates populares, como referimos, é quem mais verseja sobre o assunto. São de sua autoria os folhetos: “Os Insultos da Política da Lagosta em Canoa Quebrada”, “Segunda História da Lagosta”, em que se tem descrita a condena-

ção das “miúdas e das ovadas”; e “Exemplo aos Pescadores de Lagosta Miúda e Ovada”.

É nesse tom que o poeta começa os versos, em seis pés, da última história:

“Ó meu Deus, pai sacrossanto,
Dai-me fortes aspirações
Para eu elevar meus versos
Com métrica nas orações.
Dai-me o saber que tu deste
Ao grande Luís de Camões
“Ó Virgem Mãe de Jesus,
Seja meu farol de guia...
Levai ao porto seguro
O pescador Melancia,
Abra os caminhos poéticos
Onde trilha a Poesia.

“Eu te peço, humildemente,
Ouvi, Senhor, quem te clama!
Me responde de teu reino
Por carta ou telegrama
Que eu seja um grande poeta
Quando morrer, fica a fama.

“Vou levar outra história
Da lagosta brasileira
Alguém disse que a segunda
Foi melhor do que a primeira
Agora, vou ver o que dizem
Sobre essa, que é a terceira...

José da Rocha Freire, líder da comunidade a que pertence, funciona também como conselheiro dos pobres. Tem

a palavra ouvida em todas as ocasiões, principalmente quando existem problemas de ordem moral. É deficiente de estudos, mas inteligente. Escreve com dificuldade, mas se expressa firme. É curioso como, amiúde, está implorando a proteção dos deuses e das circunstâncias para escrever versos:

“O Providência, dai-me
Uma aspiração ativa,
Para eu fazer os meus versos
Com base e rima vivas,
Com a oração poética
De uma lira aspirativa!

“Vinde, oh sábios da Grécia,
Me dai força aspiratória.
Salomão, rei do saber,
Transmite a tua memória
Dai-me conforto e Ciência
Para elevar minha história!”

No folheto *“Exemplo Para Toda Humanidade”*, o poeta narra a história do rico que desejava fabricar aguardente, sem conseguir o intento. E quando lhe surge um negro, retinto como carvão – e o leitor logo descobre ser o próprio Satanás – disposto a ajudar, obtendo o grau exato da bebida.

Quando o rico satisfeito quer entender-se outra vez com o negro, este já desapareceu:

“O ricão soltou um grito
Dizendo, eu sei que me acabo.
Quero tomar providência
Porém não posso dar cabo
Eu tenho certeza pura
Que aquele negro era o diabo.

“Vejam se não é verdade
O que nosso passado traz
Provo que a cachaça
E o suor do Satanás
Além disso acompanha
Com o sangue dos animais.

“Vejam os que bebem e cantam
Provêm do sangue do galo
Os que se queixam e dão patadas
Têm o sangue do cavalo.
E pra saber que o álcool
Dá no ébrio um grande abalo.

“Aqueles que bebem e rodam
Têm o sangue do peru.
Os que fazem palhaçada,
Imitam o papangu.
Os que soluçam e vomitam,
Fazem parte com o urubu.

“Aqueles que puíam muito,
Têm parte do macaco.
Também têm parte do bode,
Um bicho do sangue fraco.
São os efeitos do álcool
Pra saber que ele é buraco.

“Também os que se enlameiam
Têm o sangue do suíno
Os que têm sangue da onça
E o pior assassino.
Os que têm sangue do gato,
E perverso e ratuino.

“Os que saltam e esturram,
Valente como o leão...
Aqueles que uivam e ladram
Provêm do sangue do cão.
Os que bebem e ficam tristes,
São comparados com o pavão.

“Os que têm sangue do touro
Só brigam de cabeçadas...
Os que imitam o carneiro
Quebram porta de marradas,
Outros ondulam como cobra
Que solta o bote, enrolada.”

Ao final dos curiosos versos, em que se sente o poder de inventiva do autor, Zé Melancia descreve como os ébrios de sua comunidade serão transportados para o inferno:

“Eu vou avisar, de momento,
A todos que tomam cana:
Que breve vai para o inferno
Uma forte caravana,
Já fretaram o caminhão,
O chefe da lotação
E meu cumpadre João Viana.
Vai o convite pra todos,
Amigos da pagodeira,
Um passeio no inferno
E uma viagem ligeira
Vai de sábado pra domingo
Pra poder pegar a feira.”

Dá conselhos e reprimendas que não atingem somente

a quem se entrega ao vício da embriaguez. Vale a pena ouvir-lhe os versos escritos no “Combate Contra as Irregularidades do Mundo Moderno”, onde o poeta vergasteia seguro os desmandos da modernidade.

“Hoje calça é pra mulher
E homem usa calção
Além disso, sem camisa,
E vai fazer oração,
Quer invadir a igreja
A fim de assistir sermão

“Hoje em dia é o que se vê
Homem de calção na rua,
A mulher já é demais,
Já passa de seminua,
Todo mundo com a vista
Retratando as carnes sua(s).

“Veja a mulher de maiô
Examine a coisa certa
Meça o corpo e veja a roupa,
Que tem menos parte coberta
Inda usa um feche-eclair
Pra ficar de porta aberta.

“Finalmente, o mundo moderno
Está num escandalismo
Ainda terá quem diga
Que não é o comunismo
Estou vendo que em breves dias
Vai entrar o animalismo.”

Poeta de poucas letras, dissemos, mas de muito sentimento. Há versos de grande comunicabilidade em seus folhetos. Glosador emérito, exhibe toda a sua inspiração ao glosar o mote que lhe ofereceram para um improviso: “Chora a mãe do assassino! Junto à mãe do assassinado”...

“Houve um crime na cidade...
Lá vai o prisioneiro.
Abalou o mundo inteiro
Aquela barbaridade.
Oh triste infelicidade!
Pelo crime praticado
Lá vai o preso amarrado
Com o seu gênio ferino...
Chora a mãe do assassino
Junto à mãe do assassinado.

“As duas mães eram manas
De tristeza, se abraçaram,
Unidas ali pranteiam
Aquelas mágoas tiranas...
Pelas notícias profanas
Um morto, o outro condenado
Quando o réu foi julgado
Levado pelo destino
Chora a mãe do assassino
Junto à mãe do assassinado.

“Quando o Juiz se erguia
Condenando o criminoso,
Já vi ato doloroso...
Sua mãe não resistia

No meio do salão caía,
Por ver o filho acorrentado,
Pela voz do triste sino
Chora a mãe do assassino
Junto à mãe do assassinado.”

Por volta de 1961 expressivo cantador do Ceará, João Siqueira, que pontificou em famosos desafios no Ceará, brilhando pelos dotes de inteligência e argúcia, perdeu a voz, vítima de insidiosa moléstia. O fato, como não deveria deixar de ser, constrangeu os amigos, principalmente aqueles que estavam acostumados a ouvir-lhe o estro fácil, reto e equilibrado. Compadecido pela infelicidade do amigo, que estivera antes em Canoa Quebrada, o poeta escreveu estes versos em dez pés:

“Era grande maestro violeiro,
Entoava as mais belas canções...
Nas rimas, compunha as orações
Como didático poeta brasileiro.
Era grande trovador e seresteiro,
Forte na matéria e no repente,
Como uma estrela que veio do Oriente
Esse planeta, com anos, foi mudado...
Quem foi João Siqueira, no passado,
Quem está sendo na data, atualmente.

“Passou tempos em Canoa Quebrada;
Seu nome ficou bem conhecido,
Cantou muito meu Ceará querido,
Ao lado de sua eterna admirada.
Era uma noite bonita, enluzada,
Para um jovem feliz e sorridente,

Vendo a brisa soprando lentamente...
Ele deve, de tudo, estar lembrado.
Quem foi João Siqueira, no passado,
Quem está sendo na época, atualmente.

“Só pode sentir grande saudade
De sua amiga viola, pioneira,
Quando ele abraçava a regra inteira
Com quem mais desfrutou a mocidade
Hoje, se abraça com a adversidade,
Mas tem guardado em sua mente,
Pra ele tem caso, e caso tão recente,
Parece estar vendo retratado
Quem foi João Siqueira, no passado,
Quem está sendo na data, atualmente.

“A Natureza não tem prodigalidade;
Acostuma retomar o que já deu,
Esta dor sente tu, sente eu,
O sofrimento pertence à humanidade...
Não há gozo perfeito, é verdade,
A mocidade de nós, já está ausente,
Para nós já passou esse presente...
Eu também já me acho encostado
Quem foi Melancia, no passado...
Quem está sendo na data, atualmente!”

Esses versos de solidariedade ao poeta que perdeu a voz, demonstram claramente a nobreza de sentimentos de José da Rocha Freire. Quem o escutar, não poderá deixar de comover-se. Os seus pensamentos são sublinhados por um profundo respeito aos semelhantes. Honra-se em ser pescador, e, muito mais trovador, capaz de tomar o me-

lhor lugar numa sala, em noite de alegria, em que os bons versos são requisitados.

“Amigo, dai-me atenção...
A um poeta de classe
Que no Ceará não nasce
Outro de igual perfeição
Sim, que usei a profissão
Da Arte da Cantoria
Por uma forma educada...
Moro em Canoa Quebrada
Sou eu, José Melancia.”

JOAQUIM BATISTA DE SENA E A
LITERATURA DE CORDEL

*Não posso me colocar
no bloco dos homens cultos
meus versos sempre têm sido
livres de muitos insultos
e por demais comentados
no seio dos grandes vultos.”*

Histórias de João Mimoso,
ou “O Castelo Maldito”
JOAQUIM BATISTA DE SENA

Não só o sentido mórbido pelas tragédias e dramas, mas a curiosidade natural por acontecimentos que surpreendem e quebram a rotina da vida, certamente contribuem, de forma decisiva, para que o povo, em sua ingenuidade, recorra às narrações fantasiosas que um ou outro autor popular transfere para a literatura de cordel. A sede de notícias, a necessidade da informação, vem de

séculos atrás, mas no verso popular dos folhetos vendidos à porta de mercados ou feiras, o homem do povo não encontra apenas o “avvisis”, mas o cenário, a coloração, a ação do fato que repercute na comunidade.

Nem todos os autores de folhetos, na chamada literatura de cordel, aceitam pacificamente escrever sobre fatos quotidianos, havendo os poetas populares, como Joaquim Batista de Sena, que considera essa preocupação secundária na sua vida, preferindo as narrações de espírito, aquelas que exigem cerebração inventiva. Mas nenhum verzejador escapa à prática das histórias assentes em acontecimentos que, indo às páginas dos jornais e revistas, veiculadas pela televisão e pelo rádio, não podem, de forma alguma, passar despercebidos ao povo.

Que fatos repercutem entre os escritores da literatura de cordel? A esta pergunta, que fazemos a nós mesmos, depois de verificar dezenas de folhetos assinados por diferentes autores, é possível responder que a importância do fato a ser registrado não depende da sua dimensão nacional ou internacional, mas do interesse que desperta na área de atuação do “historiador”. Ora é a partida de futebol que se transforma num episódio de repercussão popular, servindo de exemplo o prélio entre as seleções do Ceará e do Pará, há mais de quinze anos, em Fortaleza, quando, por possível desfaçatez do juiz – um cearense – a representação local acabou sucumbindo: ora a narração de milagre, como o que teria ocorrido em 24 de setembro de 1947, em Juazeiro do Norte, “operado” pelo Pe. Cícero Romão Batista, ou, ainda, a renúncia de um presidente da República, a morte de assassino célebre, como a do sentenciado Caryl Chessman, e tantos outros assuntos que não obedecem a uma hierarquia de valores mas à ressonância no seio da comunidade.

A informação de um caso que fere a opinião pública não comporta a criação fantasiosa do autor. Nisso, o relato está muito próximo da reportagem jornalística, fiel tanto quanto possível às linhas gerais da notícia, como se poderá ver no folheto de Moisés Matias de Moura: “A Renúncia de Jânio Quadros e a Posse de João Goulart”; “Os bancos estavam fechados/ e o comércio sofrendo/ João Goulart mandou abrir/ Garantia oferecendo/ Logo os comerciantes/ Foram agradecendo.”

“Porque os bancos fechados,
Não entravam e não saía,
O dinheiro estava preso
Transação nenhuma havia
Quanto mais dias passava
Mais a pobreza sofria.”

As datas, os nomes de pessoas, a localização geográfica, tudo isso é de grande importância no desenvolvimento da história que se ergue num feito de ordem pública. José Bernardo da Silva, autor do folheto “História do Grande Milagre que Operou o Pe. Cícero Romão Batista”, confirma esse procedimento ao reportar-se ao acidente de que foi vítima um pedreiro, ou cavador de cacimba, em Juazeiro do Norte:

“A vinte e quatro de setembro,
Deu-se esta novidade
A uma hora da tarde,
Foi de uma forma tal,
Que comoveu em geral
O povo desta cidade

“João Pereira é o dito
Que pretendo aqui falar
O qual dentro da cacimba
Se achava a trabalhar
Como era acostumado
Trabalhava descansado
Sem no perigo pensar

“Cinquenta palmos contava
A cacimba, de fundura,
Então, dentro, atejolando,
Estava esta criatura
Quando o perigo surgiu
Ele ante os olhos viu
A mais triste desventura

“Neste momento fatal
A cacimba desabou
A terra com rapidez
Por cima dele arreou
Neste momento, coitado,
Com um braço levantado
Implorando a Deus ficou.”

A informação prossegue, já agora com o registro exato das pessoas que participaram da tragédia. Surge em cena D. Josefina, mãe do soterrado, e logo depois o Dr. Feitosa, a tomar imediatamente as providências que o acidente exigia. O detalhe é sempre importante nessas ocasiões, e deles o “historiador” não se pode afastar, sob pena de não contar com a acolhida dos leitores. O folheto que narra uma ocorrência, de conhecimento geral, forçosamente tem de refletir a sua autenticidade.

Por volta do século XV, quando não eram numerosas as folhas noticiosas, as informações da época estavam também escritas em versos, por ser comum, àquele tempo, o povo expressar-se através de canções, de cantares, em que ficavam narrados os grandes acontecimentos, vitórias náuticas, lutas armadas como as que, por exemplo, empolgaram os turcos nos idos de 1470. Os “avvisi”, ou avisos, dos italianos, igualmente podiam ser encontrados em versos, não sendo estranhável que os nossos trovadores populares, que hoje se nomeiam historiadores, ao relatarem os episódios de sua comunidade, numa forma especial de jornalismo, o façam pelo verso, adotando de preferência a sextilha.

Aliás, o autor do folheto que foge à regra geral das “estórias” inventadas ou simplesmente repetidas, para cingir-se à narração de “sucédidos” que testemunhou ou os viu relatados através da imprensa, exerce, com a técnica adotada na conceituação dos fatos, na nomeação de pessoas e circunstâncias, aquele verdadeiro sentido informativo que se quer encontrar no jornal.

As perguntas-chave da notícia (Que aconteceu? Onde aconteceu? Como, por que e quando aconteceu? A quem aconteceu?) também estão sempre cuidadosamente respondidas no testemunho do poeta popular. Não somente os fatos principais, os nomes dos personagens, mas as circunstâncias, e até mesmo os pequenos episódios e providências, vão registrados com outros detalhes, como se vê no folheto *A Pranteada Morte do Pe. Cícero R. Batista*, de José Bernardo da Silva:

“Dona Mocinha, depressa,
mandou logo um portador
para a cidade do Crato,

pra de lá vir um doutor;
chamou o doutor Belém
que com um remédio vem
com um seu coadjutor.

“Deram-lhe logo um purgante
porém de nada serviu antes,
tornou-se pior
pois até lhe impediu
e nisto houve um desfalque
logo que lhe deu um ataque
por grande dor que sentiu

“Lhe deram três injeções
mas ele não melhorou
depois um copo de leite,
ele a metade tomou
com a fraqueza também
o leite não lhe fez bem,
que ele até vomitou.”

A informação nem sempre alcança o leitor na sua inteireza, sem perigo da opinião pessoal. As vezes, o poeta aproveita a narração de situação pública, de implicação econômica ou social, para tomar posição, expender as próprias idéias. Mas nem aí está estanque a sua ação jornalística. É o que se sente nos versos de Hermenegildo Arruda, abordando entre outros temas “a falta de produção no Ceará e no Nordeste”:

“Quando sobe a gasolina
Por certo tudo encarece
Dinheiro para transporte

Nem todo dia aparece
Quando falta mercadoria
Mais a carestia cresce

“Sobe o preço das passagens
Óleo, querosene e sabão
Os animais e o gado...
Sobe cera e algodão
Principalmente mercadorias
Transportadas em caminhão.”

.....

“O camponês pai de família
Que está com precisão
Não tendo terra que explore
Para sua manutenção
Vai trabalhar alugado
Não pode ter produção.”

Mas será no acontecimento de caráter político que se aperfeiçoa o talento do “historiador” popular, no que fica demonstrado que o poeta, apesar de suas poucas letras, é sempre um interessado nos problemas da atualidade, acompanhando de perto as próprias oscilações da administração do País.

Joaquim Batista de Sena, de quem vamos nos ocupar, é autor de “A Vitória do Marechal Castelo Branco e a Derrota dos Corruptos”, trinta e nove sextilhas a respeito da ascensão do Presidente Castelo Branco ao poder, demorando na análise de todos os fatos que determinaram a mudança de governo. Após contar que “houve certa barulhada depois que entrou Juscelino”, narra o poeta:

“Ai abriu-se as cancelas
para todos desfalquistas
engrossou os sindicatos
dos grandes contrabandistas
embaralhou-se o Brasil
de muambas e comunistas

“Depois, lá vem Jânio Quadros
com todo o seu pessoal
dizendo dar vassouradas,
todo metido a boçal,
parecendo nas tribunas
um urubu de quintal

“Todo povo aglomerou-se
dizendo este é verdadeiro
porque começou do nada
foi chofer e carreteiro,
e elegeram a Presidente
um maluco e cachaceiro.”

O folhetinista ou autor de romances de cordel, que, quando se dedica à narração dos acontecimentos da comunidade, se nomeia “historiador”, é ainda uma figura destacada nas feiras interioranas, de pé, cercado de curiosos, a ler, para vender, versos que nem sempre são de sua autoria. As vezes utiliza pequeno equipamento de som, espécie de irradiadora.

Este instante, o de se comunicar com o público a que chama “freguesia” ou “clientes” – é o ponto final da elaboração criadora do folheto. Antecedendo essa hora de comércio, há várias fases que se sucedem, formando o que só pode entender por linha de produção, assim explicada por Joaquim Batista de Sena:

- “Primeiro, o autor do folheto imagina o feito, de sua criação, ou baseado, como é mais comum, em histórias de Trancoso, ocorrências do sertão, passagens bíblicas ou acontecimentos de fundo social que repercutiram na comunidade. Em seguida, escreve a história em papel almaço, podendo ser de oito páginas com quarenta sextilhas (que é a forma mais comum), até 64 ou mais, com o total de 160 versos em seis linhas.”

A capa geralmente é de cor primária, e o papel, do tipo acetinado, apropriado para resistir ao manuseio; no frontispício estão o nome do autor da obra, o título da história e a ilustração, em xilogravura de preferência. As vezes, esta cede lugar às reproduções de postais antigos, como se poderá ver no romance “História de Aprígio Coutinho e Neuza”, de Joaquim Batista de Sena.

Os escritores populares, que no Nordeste não são hoje mais de seis, geralmente têm tipografia particular. O próprio autor escreve a história, faz a xilogravura ou o desenho, compõe a chapa, imprime e distribui a obra pelos representantes (considerados “agentes”) que, espalhados pelo Nordeste e por outras regiões do País, tratam de vendê-los.

Os estabelecimentos comerciais que negociam os livrinhos chamam-se folhetarias. Quase sempre na capa de fora da obra há anúncio desta, como se lerá no “O Chafurdo dos Namorados nas Fuzarcas de Hoje em Dia”, de João Quintino Sobrinho: “Não deixem de procurar folhetos, romances e orações, na Folhetaria Santa Luzia do Norte”. “Vende pelos melhores preços aos revendedores de sua lavra. Como também dos melhores trovadores do Brasil”. Ainda avisa que “remete pelo correio quantidade de livros imediatamente para qualquer Estado”, bastando o pedido vir acompanhado da “respectiva importância”. A folhetaria é de Maria Gomes Pereira, rua São Pedro, 978, Juazeiro do Norte.

A seu turno, a “Folhetaria Santos”, de Guarabira (PB), de Manoel Camilo dos Santos, avisa que esta “armada” de registros e protegida pela lei, achando-se de “atalaia contra qualquer dano ou publicação fraudulenta”. A “Folhetaria Graças Fátima”, de Joaquim Batista de Sena, de cujo proprietário a seguir nos ocuparemos – possui também uma rede de “agenciadores”, a começar por Manoel *Caboclo* e Silva, em Juazeiro, atingindo a Paraíba (João Severo da Silva, à rua Maciel Pinheiro, 770, em João Pessoa), e Bacabal, no Maranhão. Os folhetos, além de serem vendidos em feiras, nas folhetarias, podem ser adquiridos nos mercados, havendo conhecidos vendedores nesses pontos, como será o caso de Joanilo Alves Sena, no Mercado Público de Sobral.

Joaquim Batista de Sena é natural da cidade de Bananeiras (Paraíba). Nasceu a 21 de maio de 1912, e veio estabelecer-se em Fortaleza, onde mantém tipografia na qual imprime histórias populares em todo o Nordeste. Nasceu com o dom da poesia, conforme ele próprio relata, mas ficou “privado” de seguir o seu destino por causa do pai. Tornou-se agricultor, nas horas vagas cantava ao som da viola. Em 1943 abandonou a agricultura e seguiu finalmente a profissão para a qual se sentia inspirado. É autor maior no gênero, tendo escrito mais de oitenta obras.

Costuma dizer: “Conto para o povo o que acontece com ele; seus costumes, suas naturalidades seus dramas”. No entender do historiador, o sucesso de sua arte está na maneira de abordar os temas, os chamados temas da poesia, que no folhetim são:

- a) Os da religião;
- b) Os do cangaço e da bravura;
- c) Os do amor e do sofrimento.

Há histórias que agradam logo do primeiro verso, como a que escreveu contando a desdita de um lenhador na floresta: “O Assassinato de Manuel Machado e a Vingança de Seu Filho Samuel”. São cento e sessenta sextilhas, e a narração tem o que Joaquim Batista de Sena considera “bons cenários”.

“O cenário é o ponto alto da história. O sertanejo, de um modo geral, vibra quando ouve uma descrição perfeita...”

Na definição do poeta, cenário é aquilo que vai além do significado do vocábulo. Não apenas a paisagem, o lance bem contado, mas o estado de criação em que o artista é feliz em tudo, nas palavras, nos versos e nas idéias. Ele próprio dá-nos um exemplo de “cenário” nos versos que integram a “História de Braz e Anália”, de sua autoria, notadamente na primeira sextilha:

“Os vigilantes tetéus
ladravam pelos baixios;
os caborés, na campina,
soltavam tristonhos pios,
as corujas gaguejavam
nos arvoredos dos rios.

“Braz seguindo satisfeito
raptando a sua Anália,
que vez por outra sorria
E ajeitava a sua dália,
com um vestido de chita
lindo como a rosa-dália.”

O curto “cenário” satisfatório, apontado pelo poeta, é o que escreveu às páginas 9 e 10 de “A Triste Partida de Francisco do Vale e Maria Romana, os Romeiros do Canindé”:

“No mês de Abril
por todo Brasil
um vento sutil varria do Nordeste;
o povo chorando,
alguns se mudando,
outros procurando
morar no agreste...”

“No mês de Maria
não houve alegria
terço e cantoria...
nem flor no verão!
ninguém fez bandeira
e não houve fogueira
do mês de São João.

“No mês de Santana,
que época tirana,
nem a jitirana
nasceu no baixio;
o gado berrando
com sede esperando
e o povo cavando
cacimba no rio.

Joaquim Batista de Sena conhece os versos que podem agradar. “Hoje há muito mais facilidade para se escrever, mas o autor precisa de *“ilustração”*. Ele entende por ilustração o que está realmente certo: conhecimento e domínio da língua.

De uma só vez, numa temporada de feira no interior do Ceará, vendeu setecentos exemplares de uma de suas obras mais conhecidas. “O Sinal da Cruz”, que reconhece

ser a sua história menos feliz, embora bem escrita, não alcançou o público.

- Acho que não tem cenário...

Sempre admirou os grandes contadores de histórias: Severino Borges da Silva, João Martins de Athaide e Delarme Monteiro. Nunca se embriagou. Nunca teve vertigem, “nem mesmo de cair diante de santo”. Acredita em almas do outro mundo. “Tenho vidências, doutor. Já vi três almas. Mas na verdade não pude reconhecer nelas nenhum ser que vi em vida”. Depois, retomando o assunto:

- A gente, quando vê uma alma, sente que a matéria não resiste à aproximação daquilo que não sabe o que é. Dá uma paralisia na fala. E a pessoa fica fora de si.

Não aprecia fazer história, documentar acontecimentos. Tem algumas obras no gênero, mas não aprecia. Quando o marechal Humberto de Alencar Castelo Branco ascendeu à presidência da República, não por bajulação – “um homem como eu não bajula ninguém, doutor!” – mas, por convicção política, pois não tolera “comunista nem cabra ladrão”, escreveu folheto alusivo ao episódio.

Neste, chamado “A Vitória do Marechal Castelo Branco e a Derrota dos Corruptos”, já citado antes, há flagrantes de pura informação jornalística:

“Devido a tantos desfalques
o Brasil ficou de esmola,
o Arrais em Pernambuco
do comunismo era a mola,
lá para os lados do Sul
o Deputado Brizola

“Para orientar o povo,
o Deputado Julião
criou as ligas do Norte,
dando correta instrução,
preparando os Camponeses
para uma revolução.

“Lacerda, o Rei do fuxico,
entrou no bolo também,
começou o mexerico,
briga vai e briga vem,
sei que nesta confusão
esturricaram o xerém.

“Indoideceu todo o povo,
era enorme a confusão,
greve por cima de greve
com desapropriação,
ataques de camponeses,
assalto e rebelião!

“Porém mandado por Deus
E Maria Concebida,
Marechal Castelo Branco
botou uma inseticida
em todas carapanãs
da nossa Pátria querida,

“Foi preso Miguel Arrais,
Goulart correu sem destino,
Brizola desnorteou,
Coitado do Juscelino,
com os direitos cassados
Chorava como menino.

Mas é na “História do Assassinato de Manoel Machado e a Vingança de Seu Filho Samuel”, que Joaquim Batista de Sena revela-se um inspirado contador de histórias. Manoel Machado morava na Chapada do Pereiro e se casara com Maria Rita: “era tão meiga e formosa/ como uma rosa de Maio/ numa manhã neblinosa.” Indo morar perto deles um tal José Roberto, assassino de seis mortes, logo, pela senhora tão linda, se apaixonou. Maria Rita repeliu a primeira arremetida do conquistador infeliz, dizendo: “Desde já fique certo/ que eu não sou prostituta/cabra nefando, incorreto”.

Um dia – continua o romance – saíram os dois homens para uma caçada em ponto mais distante da serra. José Roberto foi preparado, munido de uma corda, e com esta prendeu o companheiro a uma árvore, dizendo-lhe claramente o intento: vim consigo somente/ matá-lo aqui no deserto”. O desprevenido caçador, estupefato, ouviu o seu algoz sentenciar: “Machado, eu quero saber/ quantos dias nesta matai você passa pra morrer/ amarrado neste tronco/ sem comer e sem beber”.

Flui a narração, dramática, até Manoel Machado sucumbir. O criminoso abre-lhe a sepultura, sofre o remorso “vendo o Diabo em sua frente/ toda hora e todo instante/ dando pulos de contente”. Mas retorna, a despeito, a visitar a casa da viúva, “lhe tratando muito bem/ com uns risos sedutores/ sempre falando em histórias/ de assuntos de amores.”

“Dona Maria odiava
aquele monstro cruel
e como era decente
honesto casta e fiel,
dedicou-se a trabalhar
mais seu filho Samuel (sic)

“Samuel que já contava
11 anos de idade,
sofrendo as tristes angústias
ao rigor da orfandade,
chorava pelo seu pai,
que fazia piedade...

“Certo dia Samuel
viu sua mãe dando “aí”
lhe disse, mamãe querida,
de minha idéia não sai,
pensando que Zé Roberto
foi quem deu fim a meu pai.

“Dona Maria lhe disse:
– meu filho eu voto contigo,
seu pai era vivo e ele
quis me jogar no perigo,
e um amigo respeita
a mulher do seu amigo.

“E ainda continua
com esta mal intenção,
me dedicando favores
com agrado e sedução,
só a fim de me jogar
na triste devassidão.

“– E eu já soube que ele
aqui vive foragido
por umas mortes que fez,
para não ser perseguido,
e eu não aceito mais
favor daquele bandido!

“Samuel disse: Mamãe,
não chore mais, se conforte,
se ele matou meu pai,
quando eu ficar rapaz forte,
juro por Deus que pretendo
matá-lo da mesma morte.”

Prossegue a narração com o filho da vítima, adulto, caçando em companhia do criminoso. Estão os dois no mesmo sitio, na Chapada do Pereiro, quando acidente banal leva Samuel à descoberta da sepultura de Manoel Machado. Trava-se aí luta renhida entre os dois; Samuel fere a José Roberto, deixando-o de braço cortado e os olhos vazados. Primavera, a esposa do criminoso, vai buscá-lo depois, mas já o encontra morto, exemplado pelo crime cometido.

Quando regressa à casa, Samuel conta o acontecido, e o romance termina, a mãe do rapaz em prantos, a falar nesses termos:

“... meu filhinho abençoado
o filho que vinga o pai
para Deus não tem pecado.

“Pois no quarto mandamento
Jesus Cristo manda honrar
a teu pai e a tua mãe;
também manda castigar
em suas misericórdias
a pessoa que errar.

“Deus do céu condena
quem matar o seu semelhante,
mais quem abate o perverso

Deus abençoa, garante,
como abençoou a David
quando matou o gigante.”

Agrada a história, especialmente pela nobreza da mulher que não se rende ao conquistador insolente; pela vingança do filho, que, ao crescer, castiga o assassino do pai, e, afinal, pelo sentido bastante grato ao sertanejo, de o crime não permanecer impune.

Há uma hora em que outros autores de folhetos populares retiram-se dessa atividade, como é o caso de Moisés Matias de Moura – que só de raro em raro retoma o curso de suas produções, – Joaquim Batista de Sena dá vigoroso exemplo de persistência e extraordinário poder criador.

Acaba de escrever e editar, em seu prelo manual, mais uma história: a “Estória de Joãozinho, o Filho do Caçador”, que principia assim:

“Oh musas Parnasianas,
iluminai minha estrela
pra eu versar uma estória
que dantes pude aprendê-la,
assim como me contaram,
irei também descrevê-la...”

O COMPLEXO DE COR NAS CANTORIAS

*Rouxinha, não é a cor,
que recomenda o sujeito...
que tua mãe era branca
e que misérias tem feito,
que por causa duma delas
você nasceu desse jeito.*

CANTADOR JOSÉ GUSTAVO,
no desafio com
MARIA ROUXINHA DA BAHIA

Exceção feita ao trabalho de Luís da Câmara Cascudo, inserto em um de seus melhores livros, *Vaqueiros e Cantadores*, estudando o negro nos desafios do Nordeste”, – e se poderia ainda lembrar aqui o interesse quase momentâneo, a respeito, de Leonardo da Mota e Rodrigues de Carvalho –, muito pouco se tem acrescentado ao assunto. Só esse tema daria sobejos motivos para uma tentativa de interpretação do comportamento da sociedade em face do

problema de cor, o que resultaria no conhecimento de peculiaridades e, por extensão, num livro de irrecusável atração para os estudiosos.

Existirá, porventura, complexo de cor entre os nordestinos? Será que os cantadores aparentemente brancos, na realidade julgam-se superiores aos seus contendores pretos? Ou será que tudo que se ouve nos desafios não passa de simples encenação, de birra inconseqüente para armar efeito?

Muitos dos ditados incluídos nos versos de repentistas que fustigam a dignidade dos negros não decorrem de inspiração momentânea, mas são tomados a uma tradição que se perde nos longes sem, datas e que representa, até certo ponto, melindres e reações psicológicas de uma classe que lutou para manter os negros sob o regime escravocrata.

Daí as sentenças como as que recenseou Luis da Câmara Cascudo: “Negro não é homem. Em menino é negrinho, moço é molecote e grande é negro”; “Negro não casa, se ajunta”, etc.

“Não são somente as situações sociais presentes que definem e determinam as relações sociais entre as pessoas. Ao lado desse fator, é necessário considerar a experiência social passada...” O pensamento de Octavio Ianni (*in As Metamorfoses do Escravo*, p. 238) tenta explicar o negro e o branco em suas relações de ordem social, e explica, possivelmente, porque, os cantadores de cor, como Inácio da Catingueira, Manoel Caetano, Azulão, José Pretinho do Tucum, Daniel Ribeiro, Preto Limão, não passaram incólumes às críticas dos que se consideram “claros”, não ficando estes, por sua vez, livres do ferrão daqueles.

Para Rodrigues de Carvalho esse antagonismo é “fototopia da transição moral no caldeamento”, sendo justifi-

cada a ojeriza do branco, do caboclo contra o negro e vice-versa, manifestada no adagiário e nos versos populares.

Leonardo Mota (*in Violeiros do Norte*) reconhece que “não há cantador mestiço, que lutando com um negro, o não procure ferir no calcanhar de Aquiles dessa inferioridade”. Nem mesmo sendo mulher, dizemos agora nós, que vale o exemplo deste trecho de desafio travado entre José Gustavo (preto) e Maria Rouxinha da Bahia. A história do debate, realizado em Maceió, está documentada por José Bernardo da Silva, em folheto impresso em Juazeiro do Norte, no ano de 1956.

Rouxinha, ferina, a certa altura da porfia, arremete contra o cantador, desabusada:

R - Do boi se espera pontada
do vulcão lavra e cratera
da cobra se espera bote
e da montanha uma fera,
do burro se espera um coice
e do negro o que se espera?

G - Rouxinha, não é a cor
que recomenda o sujeito,
que tua mãe era branca
e que misérias tem feito,
que por causa duma delas
você nasceu desse jeito.

R - Eu não gosto de quem canta
falando em mãe ou avó,
se pessoalmente ofende
recebe a ofensa só,
vem agora esse crioulo
chambregar meu caritó.

G - Eu também nunca fiz isto
mas agora fui forçado,
para ver se a senhora
se lembrava do passado,
que é melhor preto puro
que um branco misturado.

R - Negro em banho perde 3 cousas:
o tempo, a água, o sabão;
quanto mais ele se esfrega
mais fica como um tição,
queres tomar meu conselho?
melhor deixar banho de mão.

G - Eu sou dos pretos brancos
digo, não é pabulagem,
e não é com toda branca
que faço camaradagem,
pois conheço porca branca
que ronca e come lavagem...

Nos desafios, portanto, em que um dos cantadores é negro, já se sabe: não é preciso esperar muito para que se desavenham na questão. Surgem logo os insultos, pelo menos de maneira perfunctória, o acidente da cor é aproveitado como um item a mais na animação do desafio, aguçando a atenção dos circunstantes.

Bernardo Nogueira, no desafio travado com o Preto Limão, exasperado disse:

“Não quero satisfação,
Vá embora seu caminho...
Canário que canta muito,

Costuma borrar o ninho.
Quem gosta de surrar negro
Não pode cantar sozinho.”

O festejado bardo cearense, cego Aderaldo, falecido em junho de 1967, em Fortaleza, diante das ofensas recebidas de Zé Pretinho do Tucum, em famosa peleja, expõe esta aniquiladora ofensa:

“Negro és monturo,
mulambo rasgado,
cachimbo apagado,
recanto de muro;
negro sem futuro,
perna de tição,
boca de burrão,
beijo de gamela,
venta de muela,
moleque ladrão!”

Cantador de cor, quando responde, vai naturalmente ao ponto fraco do contendor, não deixando de ser menos irônico. A ofensa preferida é classificá-lo de cabra, insulto que enraivece. Enquanto vigora um adagiário em defesa do negro, o mesmo não se dá com os cabras. Cabra, no entender do povo, “quem devia ser bom, já nasceu morto”. Quando não rouba, é porque não pode. Cabra – recenseou Câmara Cascudo – só tem de gente os olhos e o jeito de andar.

Preto Limão, no desafio com Bernardo Nogueira, repele o adversário, desta forma:

“Quebro-te um dente
furo-te a íngua
corto-te a língua
CABRA. INSOLENTÉ!”

Não é raro também o gracejo, o dito jocoso mostrando o negro como descendente direto do macaco. Até o hinário popular, vez por outra, registra pilhérias dessa natureza. Será o caso da marcha de Sebastião Lopes e Nelson Ferreira, para o carnaval de 1960, gravada por Nerize Paiva:

“Dizem que em 60
Negro vai virar macaco
Ora, vejam só,
Que grande confusão!” etc., etc.

A propósito, o historiador Joaquim Batista de Sena, sob pseudônimo de Poeta Seny – o que demonstra a sutileza do assunto – logo escreveu o folheto intitulado “Porque é que em 60 negro vai virar macaco”. É aproveitável nos versos o espírito humorístico da explicação de como nasceu o negro:

“Disse o fogueiro, meu povo,
todos me escutem um momento
que vou dizer como negro
teve origem e nascimento:
duma onça e um gorila,
por meio de cruzamento.

“Um gorila lá na África
casou com um Canguçu,
e nasceu uma família preta,
da cor de urubu,
com as semelhanças de gente,
feios como um papangú...

“E o povo primitivo de lá,
daquele lugar,

domesticou esses bichos,
e lhes ensinou a falar;
eis a origem dos negros,
como pôde se gerar...

“A onça com o macaco...
Vivia sempre tranqüila.
Mas um dia se estranharam,
e o valente gorila,
com ódio da companheira,
começou a persegui-la.

“Mas a onça desertou
e foi viver num sovaco
duma montanha de pedra
e lá daquele buraco,
começou comendo os negros,
filhos dela e do macaco.

“Aquela onça voraz
inda devorou um lote...
pegava negro e comia
lá na furna do serrote,
porém dos negros sagazes
inda escapou um magote...

“Por isto na nossa época
ainda resta a intriga
quando a onça vê um negro
se disfarça, pouco liga,
prá pegá-lo de surpresa
e passá-lo na barriga...

“E até na nossa época
é grande a desunião
tem onça que come negro
de cima de caminhão
puxando até 120
nas estradas do sertão.”

O assunto comporta diferentes interpretações em que se poderá analisar, entre outras coisas, as reações de grupos, o que se julga mais importante, melhor aquinhado pelo caldeamento de raças, face ao outro, sempre menor, e que nas relações sociais, por esse período, esteve sob regime de sujeição total.

Embora aceitemos o tom pilhérico dos debates na cantoria, quando as preferências são dirigidas a negros cantadores, não nos parece de todo atenuado o sentido perverso, de humilhação, que muitas vezes fica evidenciado num e noutro verso nascido ao calor do improviso.

A mais vagar, convenhamos, poderão ser recolhidos novos subsídios para esclarecer melhor.

UMA PEÇA JURÍDICA, MATUTA, EM VERSOS

*Para tudo tem engenho;
E tem voz para cantar.*

GIL VICENTE
in Romagem de Agravados

Expressar através de versos, ao sabor da inspiração poética sempre foi, em todos os tempos, aspiração dos que querem distinguir-se. A comunidade considera o poeta um eleito e o consagra como possuidor de dotes excepcionais. Não obstante, a manifestação do talento não se processa desprovido de aprendizado. A rigor, reflete até mesmo a absorção de ensinamentos os mais diversos, abeberados de folhetins, em livros tradicionais de instrução moral e religiosa ao lado de extensa contribuição de obras, sempre renovadas, do cancionero popular.

Cantar ou escrever em versos é ambição de quantos, nas populações sertanejas, são sensíveis ao exercício das letras. Diríamos, do exercício literário. Assim como nas

idades é normal o aparecimento de sonetistas, que despontam em pessoas de todas as idades, no “hinterland” surgem, com igual freqüência, os repentistas ou poetas populares que contribuem, nem sempre bem inspirados, para colorir as manifestações de sua coletividade, ora alegrando o julgamento de Judas, em sábado de Aleluia, ora alardeando as vantagens de um produto ou a seriedade de conhecido comerciante; – pranteando um ente querido que morreu, ou simplesmente flagrando o trivial para a consideração de quem não o percebeu.

O verso, elaborado nessas circunstâncias, tem sentido documental, nobre. Não é apenas fruto de exercício poético, gratuito, de valor sentimental, mas instrumento de participação comunitária. Foi exatamente uma carta em versos, por exemplo, do detento João Ribeiro de Lima, em 1917, que arrebatou a simpatia de Leonardo Mota para a sua causa. Tivesse o preso se dirigido ao folciorista, em prosa, este, então oficial de gabinete da Presidência do Ceará, não teria admitido interceder por ele. Precedida de mote em quatro versos, João Ribeiro Lima escreveu assim:

“Meu ilustrado Doutor:
Pela Hóstia Consagrada,
Pelo cálix da amargura,
Com toda alumiação
Em vossos pés tou prostrado...
Pede este aprisionado:
Me tire desta prisão
Inda espero ver a luz!
A esperança me conduz
A fazer este pedido,
Eu espero ser valido
Pelas Chagas de Jesus!”

O cantador Patativa (Antônio Gonçalves da Silva), por ter sido homenageado na Casa de Juvenal Galeno, em noite literária promovida pela sua diretora, na época a Dra. Henriqueta Galeno, conhecida beletrista cearense, agradeceu a deferência em carta poética que publicaria posteriormente em livro:

“Incelentíssima dotôra,
Peço perdão à senhora
Desta carta lhe enviá;
Mas leia os versos rastêro
De um cabôco violêro
Do sertão do Ceará.
Sou cantadô Patativa
Que trouxe aquela missiva,
Aquele papé escrito,
E cantou no seu salão,
Com a recomendação
De Zé Carvário de Brito.”

Em campanhas políticas, notadamente nas cidades do interior, a participação do poeta popular é sempre encarecida. Circulam boletins em versos, nessas ocasiões, e logo surgem os folhetins que são vendidos nas feiras, disputados pelos interessados. Em Juazeiro do Norte (CE), João de Cristo Rei cantou em versos a vitória do Dr. Feitosa para prefeito da cidade:

“Romeiros, dai-me as alvíssaras,
Que vosso tempo chegou!
Juazeiro estava mucho
Porém agora frondou,
Nossa Senhora venceu
Doutor Feitosa ganhou.”

Mesmo nas capitais o poeta popular, na refrega política, não é esquecido. Por ocasião da campanha eleitoral, que elegeria ao senado o Sr. Fausto Cabral, o poeta Moysés Matias de Moura, para a propaganda do candidato, em Fortaleza, foi convidado a escrever o folhetim: “Fausto Cabral, a Bandeira da Salvação”. Sendo cabo da Polícia do Ceará, o poeta pedia a sua promoção, por antecipação, ao candidato:

“Desejo mais duas fitas
para meu melhoramento
hoje com duas sou cabo
com mais duas sou sargento,
peço a seu Fausto Cabral,
sem nem um acanhamento...”

O agradecimento, o desaforo, o elogio, o comentário chistoso, o discurso gaiato, a petição de um preso... tudo, enfim, movido pela inspiração popular do poeta muitas vezes anônimo, sensível aos seus próprios problemas ou da comunidade em que vive. Versos a propósito de tudo, como vimos, e até mesmo suscitados nas decisões do foro. O Sr. Osvaldo de Aguiar (*in Crônicas Alegres*) conta que em “longínqua comarca do interior maranhense, por ocasião do julgamento de um homicídio bárbaro, o Presidente do júri, após as respostas aos quesitos costumeiros, lavrou esta sentença original:

“Atendendo a que o Conselho
Decidiu com precisão,
Condeno o Pedro Coelho
A trinta anos de prisão.

Como a cadeia local
Não tem grade, nem privada,
Designo a da Capital
Para a pena ser tirada.”

Peça jurídica, autêntica, de defesa, foi a que fez em versos o improvisador popular Raimundo Rodrigues Marreiro, pequeno comerciante de mercado, que, com a permissão do Juiz da Comarca de Canindé, no Ceará, Dr. José Palácio de Queiroz, defendeu o réu Oscar de Tal, vulgo Nó de Cana, em 1965. Nos seus versos, que nos chegaram às mãos por diligência do Sr. José do Egito Bastos Macambira, a mensagem do poeta serve objetivamente para livrar das grades o acusado, comprovando a importância da poesia popular sertaneja, a sua ilimitada utilização nos acontecimentos comunitários.

Raimundo Rodrigues Marreiro, pela peça que elaborou, vê-se que é poeta de ocasião, bem inspirado, sabendo manejar o verso com bastante propriedade. A defesa do réu perante o júri, que afinal o absolveu, não vale só por eventual curiosidade poética, mas pela justeza da sua fatura, em que se nota a aplicação do autor, legítima, em favor de uma causa nobre.

Ela, na íntegra, como foi escrita e proferida por ocasião da sessão do júri, em Canindé, no ano de 1965:

“Meretríssimo dr. Magistrado
Nobre e ilustre promotor,
Digno Conselho de Jurados,
Nesta tribuna aqui estou,
Não venho em súplica profana,
Em nome do réu Nó de Cana
Pedir algo a seu favor;

Alguém julga que eu quis
Aqui me salientar
Mas foi o ilustre juiz
Que me mandou convocar,
Sem pretensões ou cobiça,
Obediente à Justiça,
É que venho auxiliar;

“Todos sabem que o acusado
Por miserável que for,
Não poderá ser julgado
Sem que tenha um defensor;
Esta é a justa razão
Da minha convocação
Pelo magistrado doutor.

sou togado doutor
Sou do povo simplesmente,
Rogo ao ilustre promotor
Ser um tanto complacente,
Não debater contra mim
Acusando este “nozim”
Tão impiedosamente.

“Disse Jesus nesta terra
Verdades essenciais
Castigai aos que erra,
E para o mundo ter paz
Morreu nas mãos dos judeus,
Dizendo, perdoa-lhes, meu Deus!
- porque não sabem o que fazem!

“O Conselho de Jurado
Tem muita dignidade
Para refletir que o acusado
Teve esta infelicidade
Por capricho do azar
De um crime praticar
Ainda em menor idade.

“Às vezes o pai de família
Despreocupadamente
Tem um filho, uma filha,
De menor e inocente,
Por descuido ou vadiagem
Fazem cada traquinagem
Que nos pesa amargamente.

“O crime foi uma ação,
De uma violência brutal,
Por falta de uma educação
Ou seja: no caso um anormal,
Mais o principal agente
Foi a terrível aguardente
Grande causa deste mal.

“É uma magoa dorida
Naquele a quem recai...
São tristes fatos na vida
Que mais distante vai,
Abatendo ou provocando,
E sempre martirizando
O coração de um pai.

“Observo as posições
Dos dois pais angustiados
Cada qual, em conclusão,
É um desventurado
Que não encontra conforto;
Aquele tem um filho morto
E este, um encarcerado.

“Aquele, que o filho morreu,
Foi grande a dor. É verdade.
Do que o crime cometeu
Vive na infelicidade
O pai deste acusado
Que luta desesperado,
Pela sua liberdade.

“Por ele “Fora do Trilho”
Luta com justa razão
Porque afinal este é filho
É corda de seu coração;
Lamenta o pobre velhinho:
“Vive preso meu filhinho,
Que é meus pés, minha mão”

“Elogiar o acusado
Não é este meu intento...
Só quero deixar provado
Agora neste momento
Que ele como primário,
Ali no presidiário,
Tem ótimo comportamento.

“Pra trabalhar em roçado
Tem o seu justo valor
Quando é requisitado
Seja lá quem for,
Sempre apresenta vantagem,
Com vigor e com coragem
De um homem trabalhador.

“Com a devida permissão,
Na sua casa sempre vai,
Com gosto e satisfação
Ajudando o velho pai,
Como um filho dedicado,
Estando sempre a seu lado
Prá outro canto não sai...

“Assim vive Nó de Cana
Sem preferir a “coisa feia”.
Durante toda semana
Vai trabalhar na aldeia
Tem um dever a cumprir:
Aos sábados, tem que vir
Para dormir na cadeia.

“Quando tem a liberdade,
De andar solto algum dia,
Nos bairros desta cidade,
Nunca provoca anarquia
É muito importante isto:
É que ele nunca foi visto
Lá no Buraco da Jia...

“Gosta muito de amar
Pretende até ser casado
Se acaso então casar
Já não será um transviado
Possuindo uma mulher,
A vida que ele quer
É de casa para o roçado.

“O Conselho de Sentença
Tem esta razão segura
Em dispensar a demência
A esta infeliz criatura,
Com o fim de ajudar
Ao pobre que vive a dar
Produção na agricultura

“Não vão se impressionar
Com os boatos da massa,
Importa é analisar,
Que o “pivot” foi a cachaça
No fato delituoso
Pois não consta um criminoso
Em um membro desta raça.

“Ao ilustre Magistrado
Presidente da Secção
Que me fez advogado,
Cumprindo a minha missão
Eu solicito o seguinte:
Para o meu constituinte
A mínima condenação.

“Quando entro na questão
De ganhar tenho cobiça
Não mantenho distinção
Com gente branca ou mestiça
Enfrento firme e disposto.
Se perder não terei gosto
De auxiliar a Justiça.

“Assim, senhores jurados,
Vosso dilema aqui está:
Pois não fostes convidados
Somente para condenar.
Eis o provérbio romano:
Que “errar é humano”
Mas é sublime perdoar.

“Os quesitos a responder
Sei que nenhum se engana
Querendo favorecer
A esta pessoa humana...
A consciência vos diz:
- Vamos livrar este infeliz,
O réu Oscar Nó de Cana!

“No papel de advogado
Incumbido que me acho
Faço apelo ao jurado
Coperem com o meu relacho
Numa ação magna e serena
Lhe concedendo esta pena
De uns quatro anos abaixo.

“E para fim de conversa,
Afirmo de boa fé
Que se Oscar sair dessa
Não volta a ser o que é...
Se acaso voltar a ser,
Jamais hei de defender
Homem baixo e batoré.

“E aqui eu me despeço,
Volta quem fala melhor,
Quem acompanhou o processo,
E explica tudo de cor...
Se eu disse algo errado
Ele devia ter puxado
Na aba do meu paletó...

“Peço desculpas aos senhores
Se disse muitas asneiras...
Tive poucos professores
E nunca alisei carteiras,
Não tenho prata nem ouro,
Minha vida é vender couro,
Malas, pneu e baladeiras!”

SEGUNDA PARTE
OS TEMAS DA PROSA

O MISTÉRIO DAS PROFECIAS ATRAVÉS DO TEMPO

*São os anjos do diabo
que chegam no fim da era
fazendo tanto milagre,
que todo mundo os venera,
saciando fome e sede
são iguais ao capa-verde
correio da besta fera...*

HISTORIADOR ENOCK JOSÉ DE MARIA

O homem, sob incrível credulidade, é levado a acreditar nas forças misteriosas que, nascidas nos bons e maus espíritos, estimulam ou postergam os seus sonhos e ambições. Pesquisador ilustre, ao levantar a história da expressão gráfica desde os primórdios da pintura rupestre até à historieta de quadrinhos dos jornais americanos, sublinhou, com rara precisão, a influência que o sol e demais corpos celestiais exerceram sobre o mundo primitivo.

O homem primitivo, sabe-se então, erguia-se e recolhia sob a orientação do sol. Nada mais compreensível, portanto, que acabasse atribuindo uma vinculação permanente dos fenômenos que o cercavam às manifestações até então indecifráveis do céu. O inverno, a primavera, a tempestade, os raios – apenas para citar alguns exemplos – seriam mutações que influenciavam a si e ao seu próprio mundo ambiente. Daí porque os antigos emprestavam aos oráculos (que apelavam diretamente para os estranhos deuses controladores do mundo) um terminante poder de revelação do destino. Descobrir, pois, o que nos aguarda; saber também que fatores de bom augúrio nos protegem terá sido, mais do que agora, a preocupação de todos os nobres de antigamente, reis e comandantes de exércitos, políticos famosos e sacerdotes.

Do nascimento à morte da criatura, em todo os seus instantes, nos tempos antigos, houve sempre a invocação de deuses. Quando estes – que eram vários – não lhe sabiam propícios, muitas coisas deixavam de ser feitas; batalhas eram adiadas e até as próprias assembléias (como acontecia em Roma) não podiam ser instaladas. “Consultavam-se também os auspícios, e, se aparecesse no céu algum sinal pouco propício, a assembléia era dissolvida imediatamente”. (Fustel de Coulanges, *in A Cidade Antiga*.)

Seria temeridade o se querer explicar essa subserviência aos poderes sobrenaturais, atribuindo-a à falta de conhecimentos científicos ou culturais dos povos antigos. O problema não pode e nem deve ser posto assim em linhas tão sumárias. O homem, não podendo explicar tudo, foi sempre presa fácil de seu próprio pensamento mal dotado. E tanto isso é verdade que mesmo agora quando alcançamos um alto nível de civilização, proliferam os terreiros de macumba e não deixam de circular entre nós cartomantes

e quiromantes. As maiores revistas do mundo – e jornais – preparam horóscopos, porque sabem que a humanidade cultiva ainda aquele estado primitivo de temor em face da natureza, e deseja, a todo custo, descobrir o seu futuro, que bons ou maus augúrios estão exercendo sua influência sobre si. O Dr. Hougardy (citado por A. da Silva Meio) informa que “a supressão da secção de astrologia de um grande jornal belga fez cair a sua tiragem em 20 por cento!”

Está explicado, portanto, que não é apenas o iletrado que deseja desvendar o futuro, saber o que lhe reserva o destino. A condição de credulidade independe – a mim parece – do grau de instrução que sua cultura possui. O dispositivo supersticioso é resultado de um trabalho lento que através dos anos vai decantando e sedimentando no homem um estado de espírito, de temor, do qual ele não se pode livrar facilmente. É da própria natureza humana – convenhamos em acrescentar – e não da insuficiência intelectual, essa pasmosa submissão do imponderável.

Henrique de Médiçi não foi um homem qualquer. Era um nobre. E ao encontrar-se com Nostradamus, a quem convidara para travar relações de amizade, a primeira coisa que encomendou foi a preparação de um horóscopo, o seu. A peça que Nostradamus lhe ofereceu, embora concebida com as sutilezas de uma bajulação proveitosa, há de ter sido o modelo ideal que inspira a quantos ainda hoje preparam horóscopos nos quais os valores agradáveis e encomiásticos são sempre sobrelevantes aos inditosos.

Nostradamus, de preferência, escrevia os seus trabalhos em verso. Na cadência do verso, na harmonia de suas palavras bem escolhidas, ficava ressaltada toda e qualquer revelação feita. As advertências soavam com a propriedade das palavras bem empregadas, resultando ao fim uma mensagem quase sempre cuidada e austera.

De Nostradamus, por exemplo, é este augúrio sobre Henrique II, que Sax Rohmer nos mostra em seu livro *Romance da Feitiçaria*:

“Ao leão velho o leãozinho vencerá,
Os olhos seus vazando em prélio singular.
Feridas duas em jaulas de ouro lhe fará
Após o que morte cruel vi-lo-á buscar”.

“A quem com ferro, em luta campal,
De testa mais alta os louros tirou,
De seis o desperta à noite o punhal:
Nu, desarmado, cativo ficou”.

Tomemos a Sax Rohmer a versão dos acontecimentos que posteriormente marcaram o fim da vida de Henrique II. É extraordinária a coincidência de fatos!

O rei, que já não tinha idade para participar de torneios, ao concorrer com Montgomery – (o leãozinho) – recebeu deste, de elmo a dentro, sobre o olho direito, terrível pontaco que lhe vazou aquele órgão. Henrique II, gravemente ferido, sofreu durante dez dias, tudo, enfim, como predissera Nostradamus: “Dez playes une, puis mourir morte crueile”.

O vaticínio não ficou apenas nisso. Confirmar-se-ia depois com o que sucedeu a Montgomery, que aprisionado por seis fidalgos, acabou encarcerado na Conciergerie de Paris.

“De seis o desperta à noite o punhal:
Nu, desarmado, cativo ficou.”

Quando os monarcas – e por extensão todas as pessoas importantes – descobriam alguém de poderes sobre-

naturais, logo o traziam para servi-los. É-nos lícito imaginar que essas pessoas importantes não queriam apenas saber por quais estranhos caminhos haveriam de trilhar, mas, principalmente, por intermédio deste, em quem confiavam de maneira decisiva, conseguir melhores vaticínios para a sua vida. Sobre Merím (de Cambridge), William F. Fielding enlarguece o nosso raciocínio: “A principal função do mágico da corte – e Merím era indiscutivelmente o melhor de sua profissão – era, por poderes extraordinários, contribuir para a proteção de seu real senhor, e, naturalmente, ajudar a salvaguardar os interesses do reino”.

Ainda uma vez podemos testemunhar outra predição em verso, do próprio Merim, cuidando do destino da Rainha Elizabeth da Inglaterra (Século V), conforme o autor já citado:

“Conspirações domésticas e estratagemas externos
Máquinas francesas e o deus italianizado,
O engenho espanhol; o judeu aporuguesado,
A mina jesuíta e o grupo político
De víboras criadas em casa, deixai vir suas ameaças
Por pistola particular ou tambor hostil
Apesar de todos esses cães a perseguirem abertamente
Ela viverá, amada e temida, depois morrerá santamente.”

Decifrar o futuro pelos livros é uma arte denominada Bibliomancia. “Isto quase não é uma arte, pois é tão simples”. Dizendo assim, Brewton Berry, autor de *Você e suas Superstições*, continua: “Os antigos gregos usaram Homero (sortes homéricas) e os romanos adotaram Virgílio (sortes virgilianas). Os cristãos rejeitaram os livros pagãos, mas não a arte pagã – os livros foram substituídos pela sua própria Bíblia. E a Bíblia prevaleceu depois desse tempo.”

Abria-se o livro em que se punha a nossa fé e com o dedo marcava-se, sem se olhar, um verso. O rei Carlos I – ainda citado pelo mesmo autor – ficou dolorosamente perplexo ao tomar uma cópia de Virgílio, e escolhendo um trecho, leu este verso ominoso:

“Triste seu filho abraça Tocado do seu pais
Por obstinada raça...
... morte vergonhosa quis.”

A profecia em versos, por esses e por outros exemplos que seria enfadonho repeti-los, sempre teve nessa fórmula a sua melhor exteriorização. Seria tão-somente pela beleza e oportunidade do verso? Se assim admitirmos, também pela facilidade de ser apreendida pelo povo que prefere as histórias versificadas.

No terreno das suposições poder-se-á acrescentar mais considerações. Entretanto, é ponto pacífico que a obra para aspirar ressonância de todas as camadas sociais, nos tempos antigos, teria de ser feita obrigatoriamente em versos, que os trovadores, de cidade em cidade, em peregrinação poética, os iam repetindo para público sempre curioso. Além de concebidas em verso, as profecias normalmente carregavam o interesse popular, pela natureza dos vaticínios, para as pessoas que se destacavam em sua atuação no mundo da política e da religião. Raramente, o profeta era obscuro. A norma geral é de que tivesse prestígio, fama, e fosse excêntrico.

No nordeste brasileiro os homens importantes para o povo sempre foram os ministros de Deus. Dai, de preferência, serem estes louvados em versos como autênticos profetas. A respeito o Sr. Luís da Câmara Cascudo, que acode a tudo com uma explicação plausível, afiançou:

“Todos os mentores religiosos, frades e leigos, que tiveram mando no espírito popular, eram tidos como profetas e videntes. Depois de mortos, e alguns em vida, dão nascimento a um ciclo de profecias e de conselhos de acomodação social, prolongando o prestígio do morto na lembrança coletiva.”

O púlpito armado no patamar da igreja – como era, antigamente, em Pacatuba – alcançava as multidões de forma incisiva. Havia um quê de magia nas pregações das missões religiosas, geralmente exercidas por devotos beneditinos, principalmente depois da visita que a comunidade, em procissão, fazia aos mortos, ao cemitério local. Empunhando velas acesas dentro da noite, desciam todos os fiéis para a igreja, onde o sermoneiro anunciava o destino da humanidade avincado de turbações que se geravam ao impulso dos ímpios e pecadores.

Assim como Frei Vidal de Frascarolo, que se firmou no Nordeste como profeta, enriquecendo esse ciclo, outros foram-lhe seguindo as pegadas, como o Padre Cícero Romão Batista, e, já mais recentemente, Frei Damião.

Estão certos os poetas populares quando, para veicular suas profecias, preferem as sextilhas. Seguem, talvez sem o saber, a boa tradição dos grandes profetas que iluminaram, para muitos, o destino de suas existências.

E como mostra dessas profecias, que nada mais são do que o eterno desejo do homem de participar dos segredos do sobrenatural, elegemos os dois mais populares folhetins escritos sobre o assunto: “A Voz de Padre Cícero”, de Enock José de Maria; e “A Voz de Frei Damião”, de José Costa Leite.

Considere-se, para uma análise definitiva, que a figura do sacerdote é essencial à inspiração mágica do sertanejo.

Tanto que o poeta popular (Joaquim Batista de Sena) vê o profeta assim caracterizado:

“Usa batina cinzenta
e tem longas cabeleiras,
ama a Deus e ao próximo...
Professa as leis verdadeiras
fala contra a jogatina,
uso, escândalo e roubalheira.”

Pelo menos entre os sertanejos o hábito faz o monge... e o profeta. Tal a importância das vestes que é comum ver-se no Ceará e em outros estados do Norte e Nordeste, homem, mulher ou criança, para pagar promessa e expiar pecados, durante dias, e muitas vezes durante anos – usar o hábito de ordem franciscana.

O indumento é indispensável à prática da magia. Tanto que o “anti-Cristo”, tão espicaçado pelos poetas sertanejos, aparecerá um dia aos homens montado numa “besta fera... mas escondido sob capa.

“Será ele o capa-verde
que vem fazendo um sermão
dando um rosário de ouro
por um, da religião;
quem receber seu rosário
perderá a salvação.

Quando chegar esse tempo,
aquele que se enganar
nunca mais terá descanso
se o capa-verde o laçar...
e os 3 dias no escuro
vem acabar de ajeitar.”

Nem sempre, entretanto, as profecias são proclamadas em versos. O Sr. José Ferreira de Lima; autor do *Almanaque de Pernambuco vara o Ano de 1961*, repete os vaticínios do Padre Cícero Romão Batista, dizendo-os “gravado de per si. O orgulho vai aumentando, as guerras assolando a humanidade; vai aumentando os mentirosos, ricos descrentes cai no abismo...” E mais adiante arrola uma inflação de escândalos: “Mulheres seminuas, velhas vaidosas, casamento sem pudor, os homens sem caráter, governos exploradores, padres embriagados, confusões nas religiões; exploradores com o nome de Deus e dos santos nas casas comerciais”. Depois anuncia grandes castigos para a humanidade no período de 1930 a 1964 E termina o seu relatório profético com a seguinte declaração:

Atenção: Tenho em meu poder cópias escolhidas das palavras do grande mestre, escritas por seu punho e as épocas que tenho a ordem de escrevê-las.”

Mas será no verso que a profecia alcança a sua verdadeira intensidade e melhor se propaga. Enock José de Maria recolheu em sextilhas os augúrios do Padre Cícero, aí nota-se como a ordenação dos versos torna a profecia mais persuasiva:

“São os anjos do diabo
que chegam no fim da era
fazendo tanto milagre
que todo mundo os venera,
saciando fome e sede
são iguais o capa-verde
correios da besta fera.

Meus filhos, está chegando
a nossa era sangrenta,

fome, sede, peste e guerra
duma vez tudo arrebenta,
pois serão grandes horrores,
vou falar sobre os clamores
daqui pra chegar 80.”

As profecias de Frei Damião, a seu turno, são pouco diferentes das que os poetas populares atribuem ao Padre Cícero Romão Batista. O capa-verde aparece também nela, exatamente com a sua mesma intrujice do rosário falso, trocando-o pelo verdadeiro, o da religião. E ainda dessa vez, no livro de Enock José Maria, os conceitos se repetem como copiados a José Costa Leite.

“No ano 67
é grande a perseguição
sairá o capa-verde
pregando um grande sermão
oferecendo um tesouro
dando um rosário de ouro
por um da religião.”

De tais semelhanças e confrontos encontrados em ambos os livros, é permissível pensar que só existe uma profecia e que esta talvez não pertença ao Padre Cícero Romão Batista nem a Frei Damião, não passando ambas de mera repetição de augúrios apanhados em tradicionais almanaques portugueses, e postos, com mais dignidade, na boca de virtuosos ministros de Deus.

Em ambos os livrinhos, entre um vaticínio e outro mais importante, há sempre o látigo desferido contra os “usos” que dificultam a ação dos bons espíritos. Estes versos colhidos em José Costa Leite – para encerrar esse es-

tudo – valem pela ingenuidade dos conceitos e pela beleza de suas comparações:

“Moça que raspa cangote
e usa traje indecente,
no inferno irá beber chá
de baba-de-serpente
e vê mais o Satanás
pinotando em sua frente.

“Mulher moderna de hoje
usa uma saia apertada
ou uma calça comprida
para ser mais cobiçada
sai na rua, que parece,
besta pegando passada.”

A MEDICINA POPULAR

*... Gratuito serviço assaz distinto,
Que do povo remetto ao exame a crença,
Uze lá quem quiser, do que publico,
Se acaso aproveitar, contente fico.*

De **O Sol**, 1882, Fortaleza

Eu quis dedicar à coleta destas observações quanto tempo me foi possível roubar ao serviço público, certo de que os futuros médicos, com seu engenho e indústria, hão de suprir o que faltar, ou corrigir o que não estiver dito de maneira adequada.

GUILHERME PISO
in História Natural e Medicina Oriental

Os ricos, agora, só recorrem à medicina dos pobres quando se desesperam. O solidarismo à terapêutica popu-

lar é privativo de quem não tem recursos, dos que, deslocados no tempo e no espaço, regem-se quase que exclusivamente por conhecimentos aprendidos em sua geografia ambiente. Antes do advento do atual elenco de medicamentos, iniciados de forma promissora pela aplicação das sulfas, e, destas, indo ao acudimento da penicilina, etc., a credibilidade aos remédios caseiros gozava de ampla aceitação. Mas o aperfeiçoamento tecnológico, aliado à veiculação de informes médicos de interesse coletivo, a que têm acesso de modo inquestionável as pessoas de maior esclarecimento, está reduzindo aos despreparados, praticamente, a utilização dessa medicina rústica que, somente em circunstâncias de desespero do enfermo, é obedecida em última instância.

A própria religião, praticada ainda hoje pelas camadas pobres da população, conforme evidencia bem elaborada pesquisa da SUDEC (*Levantamento Sócio-Religioso da Arquidiocese de Fortaleza*, Fortaleza, 1968), tem por preocupação maior “as motivações de ordem biológica”. Informa o importante documento, empreendido às expensas do governo estadual, que aquelas motivações são absolutamente predominantes. De fato, em números redondos, alcança a oitenta por cento o total de formulações dos fiéis que se enquadram no conceito de recuperação de saúde, sejam no tocante à salvação de acidentes ou de operações bem sucedidas, etc. A salvação eterna, como preocupação religiosa, sensibiliza apenas 1,5 por cento dos romeiros, por exemplo, que acodem a Canindé (CE), na visitação anual ao padroeiro do lugar.

Ante essa revelação robustece-se a impressão de que no Ceará a medicina empírica, da maneira como a situamos, prende realmente o interesse da comunidade inculta. Entre nós, mais do que em qualquer outra parte do

Brasil, embora alienada pelos ricos, a medicina popular se não tem aceso direto ao tratamento das enfermidades, é, pelo menos, subsidiária deste, aliada importantíssima do setor da fitoterapia, graças à flora abundante, privilegiada, com que contamos, e não de toda aproveitada, como convém, pelos laboratórios de produtos farmacêuticos.

No passado, entretanto, essa medicina manipulada por curiosos, na ausência de médicos, era mais difundida do que hoje, a ponto dos jornais e almanaques, da época, dedicarem espaços à divulgação de instruções terapêuticas nem sempre sustentáveis pelo bom-senso. O jornal “O Sol”, que circulou no Ceará em 1862, expunha em seu número 275, do quinto ano de circulação, conselhos médicos escritos em linguagem simples, apropriada aos leitores. É desta cópia que anotamos o procedimento que se deve ter em face de “picadas de insectos e das ortigas”: “Destroe-se ou desaparece instantaneamente a dor, e a inflamação, ao esfregar a parte offendida com suco da primeira planta aromática que se achar à mão, como a hortelã, mangerona, alecrim, &c. Se estas plantas estiverem seccas, humedecem-se um pouco com saliva, ou mascão-se depois. Para picadura de uma vêspera ou abelha, esfregue-se imediatamente a parte picada com sal, humedecendo-se num pouco dagoa. Melhor será esfregar-se a parte offendida com uma mosca.

Nesse mesmo número de *O Sol* colhemos a indicação de terapia para debelar calosidade: “Cosinhei uma grande cabeça de alho, e aplicai-a assim cosida sôbre o callo, atando-o com um pano. este cáustico sómente se deve pôr quando se deitar. Assim, abrandando o callo, que se solta, e seca em 2 ou 3 dias, por mais raizes que tenha; depois se lava o pé nagoa morna

Para fluxo de sangue no peito eram aconselhadas cinzas de coruja queimada viva (com pena e tudo!), na pro-

porção de uma oitava, carecendo que as cinzas da ave devessem estar diluídas em caldo de galinha ou em água pura, para o remédio valer a sua eficácia. Na proximidade do assunto vale a pena referir que *O Sol* preconizava também o uso de cinzas de minhoca sobre as gengivas humanas, como método apropriado para a extração de dentes “sem ferro e sem violência”, recomendando ainda que o doente “descamasse” antes as gengivas para facilitar a ação direta da cinza.

O Sol, em edição do dia dois de março de 1862 (Fortaleza), receitava também um processo para a extinção de impingens, não menos curioso: “Curá-se, tendo regime brando, mais vegetal do que animal, bebidas ácidas, banhos de corpo fresco, abstinência de comidas adubadas, de licôres e de vinho puro; purgantes de sal de Glauber ou de cremor de tártaro. Quando a impingem não cede a êsses meios, convem praticar unções com a pomada seguinte: banha de porco, uma onça, enxôfre, uma oitava, subcarbonato de potassa, meia oitava.

Em 1863, tinha conselho para os que viajavam por mar e que deviam tomar “três pedacinhos de cânfora por dia, em forma de pílulas”, se cuidando de fazer fricções com álcool canforado ou com água de colônia sobre o estômago para não enjoar. Acrescentava a curiosa recomendação médica que o paciente devia embarcar em jejum e almoçar copiosamente a bordo, bebendo vinho generoso, e se expor ao ar livre.

Observava-se outra particularidade nessa medicina popular: a dosagem – melhor dito, a pesagem dos ingredientes – regia-se pela chamada libra medicinal, diferente da comum em quatro pontos no sistema antiquado de pesos, como é fácil verificar-se no formulário de Chernoviz. Enquanto a libra comum pesava dezesseis onças, a medicinal ficava em

doze. Doze libras representavam noventa e seis oitavas, e estas, duzentos e oito escrônulos, valendo cada escrôpulo uma grama e cento e vinte e cinco miligramas. Por sua vez a libra medicinal valia exatamente 6.912 grãos.

O *Lunário Perpétuo*, nas edições mais recentes – a que possuímos, por exemplo, é de 1945 – atualiza as medidas, mas as reproduz igualmente pelo sistema de pesos antigos adotado por Portugal e Brasil, ao tempo das primeiras edições do Chernoviz. Para combater a impingem, o *Lunário Perpétuo* (1945) recomendava “farelos” (casca de trigo e de demais cereais) para uso em banho ou em clisteres, da forma que se segue: “Ferva durante um quarto de hora, cõe e ajunte à água do banho, ou administre em clisteres, podendo neste caso ser dose de 250 ou 125 gramas (meio arratel ou 4 onças) para 2 e meio quartilhos, ou 5 quarteirões de água”. Um quartilho, esclarecemos nós, equivalia a meio litro, e um quarteirão representava um grupo de vinte e cinco coisas ou um quarto de cem unidades.

Não: causa espanto que, por aproximação, utilizando secreções de animais (como pensamos ter documentado exaustivamente em nosso *Medicina Popular do Nordeste* – Edições O Cruzeiro, Rio, 1967), a medicina empírica acabasse por aconselhar a série de remédios que formam expressiva coleção de mezinhas repugnantes, escatológicas. O próprio jornal *O Sol* alinha remédios extravagantes, como gordura de guariba para tumores, além de simpatias repugnantes que prescrevia para os doentes de maleita, aconselhados a conduzir, atado ao pescoço, um osso de defunto!

A inventiva popular contribuía, naturalmente, para engendrar os mais estranhos meios de combate às enfermidades. Nem sempre pode-se creditá-lo por tudo de estranho e repelente que criava, porque o próprio Chernoviz

recomendava, por exemplo, o uso de pasta de caracóis (*helix pomatia*, L) para contusões, e um xarope destes para acudir os que sofriam de infecções do aparelho respiratório. Já o castor, também indicado pelo dr. Chernoviz, fornecia a medicina daquele tempo uma substância extraída de suas partes genitais, capaz de funcionar como antiespasmódico, aconselhado nas febres adinâmicas e em outras afecções.

Como, portanto, diante desses fatos, criticar os ensinamentos do periódico fortalezense, do século passado? Ele integra, por certo, uma época em que a medicina não evoluíra o suficiente, permitindo a utilização de remédios estapafúrdios pelo povo. Decorridos tantos anos – mais de um século! – muitas daquelas mezinhas prescritas por “O Sol” continuam válidas para as comunidades interioranas, notadamente as mais pobres, ainda desassistidas.

Era no seu jornal que o leitor ia receber instruções para combater o carbúnculo e outros tumores “a que chamamos. malditos”: “Apanha-se um sapo dos grandes (sendo em maio é melhor), tire-se a pelle, guardase; e aparecendo symptomas de carbúnculos, corte-se de dita pelle quanto cubra o tumor, e ponha-se de mólho em vinagre forte até ficar bem flexível, e applicão-se com atilho, de modo que não vá para outra parte. Conserva-se por 24 horas, humedecendo-se com o mesmo vinagre em que esteve a pelle do tumolho. Passadas as 24 horas, applica-se uma rodela do tamanho do tumor, e preparada da mesma forma. Logo que dê mostras de querer o carbúnculo destacar-se da carne, com um ferro ou outro instrumento se ajuda a despegar, e se faz nova applicação. Estando destacada em tôda a circunferência, applique-se a herva chamada dasneira, pisada com unto sem sal, e não havendo esta despegado de todo o carbúnculo, cura-se a ferida com unguento próprio”.

Para aplacar o panarício, recomendava: “Mette-se o dedo na guella de uma rã vira, e deixa-lo estar até que êste animal, que tem a virtude de puchar a si o humor, fique inchado. Se incha promptamente é prova de que o humor é abundante,. e então se deve repetir a operação com mais rãs; a atração causa logo um entorpecimento sensível no braço e conhece-se promptamente que se vai tirando a causa do mal.”

Para esquinência (amigdalite), ensinava o jornal: “Consiste a cura em uma colher de pimenta branca pisada, outro tanto de açúcar em pó e boa porção dagoa-ardente para desfazer estas duas substâncias: aquece-se um pouco, mexendo tudo, e mettido entre dois pannos se põem no pescoço. O remédio se repete uma e mais vêzes até parar sem que seja preciso sangria”.

Vence-se a dor de mordedura de aranha com “uma porção de môscas machucadas sôbre a parte lesada”, procedimento que “atrahe o veneno, alivia a dor e desfaz a inchação”. E para terminar as cesões, “sardinhas bem salgadas, a que o povo chama de sarrentas”, devem ser “escaldadas e atadas assim cruas nas solas dos pés”. Assim, os que “têm maleitas rebeldes” se livrarão delas “promptamente como se fôsse obra de milagre”.

*

O fogo, indiscutivelmente, é fator importante – ele próprio surge caracterizado como ingrediente – na composição médica popular dos mais diversos remédios e práticas da terapêutica rústica. Nas edições de *O Sol*, como estamos averiguando, as recomendações de ordem medicinal, em que se tem presente o fogo, não são raras. Ora está considerado na coruja que deve ser queimada viva,

com todas as penas, para aplacar o fluxo de sangue no peito dos enfermos: ora, nas próprias cinzas de minhocas que vão atuar sobre gengivas comprometidas, a fim de facilitar a extração de dentes, sem se contar o número de cozimentos e fumigações que apelam de modo objetivo para a sua colaboração.

Para “inteirar o tratamento da asma”, no sertão, nada mais recomendado do que o chá de anum, obtido da ave ressequida ao fogo, sendo também terapia usada a cabeça de fósforo, carbonizada, indicada para aliviar os padecimentos da cárie rebelde. Do fogão – o que quer dizer, conseqüentemente, da combustão – o povo aproveita tudo, desde a picumã até o rescaldo, servindo especificamente este, de modo particular, para conter hemorragias uterinas. A disenteria do sangue, a seu turno, debela-se com o caroço da tucumã levado às chamas e reduzido a pó, não ficando atrás a utilização do pipiri, vegetal que abunda nos terrenos alagadiços (segundo o sr. Meira Penna, in *Dicionário Brasileiro de Plantas Medicinais*), cujo efeito, para estancar as hemorragias, é reputadíssimo, desde que se lhe queimem os caules para a imediata aplicação das cinzas.

Num e noutro procedimento evidencia-se que o elemento aproveitado na terapêutica é a potassa, e, na decorrência, o anidrido fosfórico e mais minerais. Convém lembrar que as cinzas, por volta do Século VIII, “eram impostas aos pecadores públicos”, mas o procedimento remonta a épocas mais recuadas, quando os hebreus se marcavam de cinza todas as vezes que queriam “demonstrar dor ou aflição”. Há um sentido mágico, portanto, figurado no fogo e em tudo aquilo que sofre a sua ação. Para os romanos o fogo “era algo divino”, espécie de entidade que assegurava o destino do homem.

Virgílio, citado por Fustel de Coulanges, conta que Hé-cuba, quando o palácio de Príamo foi invadido, levou o velho rei para perto do fogo, dizendo-lhe: “Tuas armas não poderão defender-te, mas este altar será a nossa proteção.”

Cultuado no Oriente, parte integrante do hinário do Rig-Veda, indispensável nos sacrifícios gregos, o fogo impunha-se aos homens pela sugestão de seu poder altamente destruidor. Félix Molina Tellez é de parecer, por sua vez, que os relâmpagos teriam mostrado ao homem a primeira manifestação do fogo, escudado numa lenda dos Cherokees, que narra que “os trovões enviaram os relâmpagos e este puseram fogo...”

O quarto elemento na constituição das coisas, no dizer dos antigos, haveria de ser requisitado para todas as celebrações mágicas. De entidade sobrenatural passou assim o fogo a ser empregado diretamente como veículo na terapêutica mágica. Nieuhof, que visitava o Recife, em 1646, assistiu a um curandeiro negro mandar que um escravo “lambesse três vezes um tição tirado ao fogo”, no ponto em que as brasas brilhavam. Anchieta, citado por Lycurgo Santos Filho (in *História da Medicina no Brasil*), descreve o tratamento de um cancro pelos indígenas, que “aquecem ao fogo um pouco de barro amassado, como se fazem vasos; e tão quente quanto a carne possa suportar, o aplicam aos braços do cancro, os quais morrem...”

As fumigações, através do tempo, alcançaram recomendações amplamente generalizadas. O próprio *Lunário Perpétuo*, que orienta a sua terapêutica de preferência por informes médicos do dr. Pedro Luís Napoleão Chernoviz (condensados em formulário e guia médico, em 1841, no Rio de Janeiro, pela primeira vez), registra a aplicação das bagas do jenipapeiro que “lançados sobre brasas resultam em fumigações contra: dores reumáticas”.

Brandônio (in *Diálogo das Grandezas ao Brasil*) refere ao tratamento para feridas, com copaíba. Sendo aquelas profundas, produzidas por flechas, aconselha, devem ser combatidas com o calor do fogo.

O fogo oferece assim à medicina empírica contribuição das mais valiosas e exerce até hoje influência mágica, decisiva, nas comunidades interioranas. Mulher grávida, desejosa de saber o sexo do filho em gestão ao, colhe a resposta almejada levando ao fogo, até cozinhar, o coração de uma galinha. Panos servidos, utilizados no tratamento de “doença braba”, devem ser queimados longe de casa para que o mal não retome o enfermo.

Nessas e noutras práticas vê-se de modo claro o encaminhamento para a purificação através do fogo. Conquanto não funcione como um deus, adorado no recesso das habitações, como foi ao tempo dos romanos, continua o fogo a influenciar o sertanejo, principalmente nas providências da curiosa medicina que continua a exercitar.

Nó entanto, à proporção em que se desenvolvem as populações rurais, obtendo mais recursos no setor de assistência médica, tende a decrescer a utilização dessa estranha terapia. Em levantamento promovido pela ANCAR (Ce.), citado no *Diagnóstico Sócio-Econômico da Zona Fisiográfica de Baturité* (Volume IV, Departamento de Imprensa Oficial, 1967), vê-se que a cidade de Baturité, que experimenta mais progresso do que a de Redenção, por exemplo, registra a freqüência de só nove por cento de pessoas que se valem de curandeiros, quando é de vinte e três por cento, em idêntica circunstância, o total observado na última.

Tenho para mim que está ultrapassada a idéia de que o sertanejo é infenso a tratamento médico, preferindo, por não fazer fé, remédios e simpatias de seu “habitat”. O cu-

randeiro predomina nos sertões exatamente por não existirem médicos em número suficiente, tendo os enfermos, por isso mesmo, de invariavelmente optarem pela proteção das orações e dos ensinamentos que, bebidos à fonte do curandeirismo tradicional, passam de geração à geração.

Decorridos tantos anos do estabelecimento de apreciável cultura médica, não causa espécie que ainda hoje o homem carregue ao pescoço um patuá, um ensalmo milagroso; passe na testa, tentando reduzir equimoses, a lâmina de uma faca; utilize insetos no alívio de dores produzidas por mordidas de aranhas; beba sopa de papel branco, fervido em leite e açúcar, pretendendo aplacar a disenteria; carregue preso ao corpo porções de animais havidos por milagrosos numa simpatia neutralizante das crises de determinadas enfermidades e mais um sem-número de outras mezinhas que o povo continua utilizando por razões que, mais a vagar, devem e precisam ser estudadas.

Recenseamos a seguir, para a curiosidade do leitor, toda uma lista de mezinhas e simpatias que refletem entre nós, no Ceará, a atualidade do exercício da medicina popular:

Para conter hemorragias: chá de folha de pitombeira macho; contra a “reuma” da erisipela, um Padre Nosso e uma Salve Rainha, após a recitação destas palavras mágicas:

Isipra, isipela, isipelão,
Do tutano vai para o osso,
Do osso, para a carne,
Da carne para a pele,
Da pele para as ondas do Mar Sagrado.

Seios desinflamam-se sob compressas de azeite doce esquentado numa coité; cabeça de macaco, cozida sem sal,

acaba as doenças nervosas; esterco de aves, aplicado sobre espinhas, no rosto, passa por prática desejável para aliviá-las; amarradio de barbante em dedo da mão ou do pé, que padece de entorse, é remédio fulminante; cristel de maxixe verde serve para cortar a diarreia; fricções com toucinho no peito e nas costas de quem sofre de tísica pulmonar, é recomendação que deve ser cumprida quanto antes, sendo que o toucinho não pode conter sal.

Os que sofrem de sífilis não devem beber caldo de cana; quem está sujeito a resfriados ou dor de peito não pode lavar as mãos em água quente pelos raios solares; chá de verme (helminto), obtido do próprio paciente, sem que esse saiba como foi feito, é definitivo; para estancar o sangue de feridas usam-se manteiga, pó de café ou sal; para coceiras rebeldes, manteiga do sertão, líquida. Moela de galinha, atada ao pescoço de uma criança, elimina o mau-olhado. Quem tem o corpo fechado por hipótese alguma deve sentar num pilão, pois se assim proceder ficará vulnerável outra vez a feridas produzidas por faca ou bala; chá de urtiga “braba” acode a quem sofre de infecção pulmonar. A primeira água (proveniente de rio ou da chuva) é aconselhada para o banho de asmáticos. Quando o menino não se decide a falar, deve ir com o pai, após ser instado três vezes seguidas, à missa. Contra dores de cabeça, enxaqueca, etc., usa-se o emplastro obtido do alho aplicado na unha do dedo mínimo. Afiança o sertanejo: “Quando começar a queimar, a dor começa a passar...” Menino atacado de quebranto deve ser passado, três vezes seguidas, por debaixo das pernas do pai. Fezes quentes, mesmo de gente, concorrem para aliviar as dores do antraz, enquanto barro de formigueiro, com vinagre, é indicadíssimo contra fogo selvagem. E se a papeira desce, nos homens, nada mais apropriado do que o incomodado aqueça o ânus so-

bre fogo. Piolhos morrem, na cabeça de quem os tem, com lavagem de um preparado obtido das sementes da ata. A cabacinha também tem a mesma serventia. Dor de barriga, em criança ou menino já “taludinho”, é combatida com chá da flor do fedegoso ou obtido das folhas da goiabeira.

E novamente a lembrança do fogo, nesta receita para curar íngua, que recomenda o paciente trepar-se sobre a trempe do fogão, contando até três, desta forma: “Um, dois, três,/ Íngua nenhuma.”

SUBSÍDIOS AO ADAGIÁRIO CEARENSE

Os dizeres transformam-se, sofrem contaminações, sobrevivem ao próprio conteúdo, irradiam-se em variantes, desaparecem a pouco e pouco ou rapidamente; emigram de região para região, de país para país, passam do povo às classes cultas ou à literatura, descem da literatura ou das classes cultas para o povo.

AMADEU AMARAL
in Tradições Populares

Provérbios, anexins, refrões, ditos, maneiras de dizer, adágios – sob uma ou outra definição, ou por quantas definições se lhes imponham, – todas serão, ao final, formas dialetais de sabedoria popular, que significam juízo brítico, sentencioso, a respeito de atos humanos. Não se pode negar que em determinados momentos esses conceitos sejam proferidos com polidez ou apresentados sob forma literária,

mas é mais comum ouvi-los pronunciados pelo povo ao impulso próprio e característico do linguajar cotidiano.

Nas diversas expressões populares amiúde usadas poder-se-á, sem sombra de dúvida, encontrar semelhanças com antigos provérbios romanos, ou com outros que, colhidos em livros e almanaques, continuam disseminados pelos sertões por padres e moralistas. Será difícil, mas não de todo impossível, precisar o caminho de aviltamento, de perecimento ou de adestramento literário que terá sofrido um provérbio. Entretanto, o campo de pesquisa e de estudos para esse esclarecimento é amplo e exige de todos nós uma atenção cada vez mais profunda. Quantos adágios poderão ser arrolados? Quantas frases ou refrões? E os ditos populares?

Há informações de pesquisadores que conseguiram, como o alemão Wander, reunir mais de quarenta mil exemplos! Outras coleções publicadas não são raras nos totais de dez a vinte mil sentenças. Não espanta, portanto, seja assim, pois os provérbios, em suas variadas manifestações, sintetizam a própria sabedoria da comunidade, os aclarados conceitos desta a respeito da família, da guerra, da paz, dos vícios, dos pecados, do canto, do amor, da fortuna, etc.

Será tarefa árdua, entretanto, o estudioso arrumá-las numa sistematização ideal, obtendo esquema que classifique as expressões consagradas pelo uso. As tentativas feitas até hoje não foram poucas a respeito. Mas, exatamente pela diversidade do assunto, à avalanche considerável de adágios, sentenças, ditos, etc., o objetivo de classificação normativa acabou por tornar-se empreendimento enfadonho, distante da perfeição desejada.

Com espírito lúcido de analista e pesquisador inteligente, terá sido o senhor Amadeu Amaral, possivelmente, um dos primeiros a ressaltar entre nós, com judi-

ciosa propriedade, a importância da paremiologia. O assunto, que tem prendido a atenção de quase uma centena de pesquisadores autorizados, não obstante sedimentado na glotologia, precisamente no folclore encontra propício campo às suas pesquisas e interpretações.

A propósito, aquele estudioso paulista escreveu:

“Outra série de dificuldades vem da mobilidade da matéria a estudar. Os adágios e ditados não formam um patrimônio estabilizado e morto, uma espécie de reservatório onde se possa colher com vagar e segurança. Há, sem dúvida, em cada época, um depósito que se pode considerar mais ou menos estratificado no espírito popular, mas é muito maior o número das formações em pleno movimento.”

Compreensível, portanto, que sendo instáveis, transformáveis e até perecíveis, as sentenças populares – veiculadas sob tão diversas formas – ofereçam aos estudiosos da matéria sabidas dificuldades que, permanentemente, estão a exigir-lhes esforço excepcional para interpretá-las.

Aprende-se, ainda, pela observação, que no evolver do tempo, assiste-se a um renovar constante da linguagem popular. O mesmo refrão pronunciado pelas elites e repetido pelo homem do campo, sob forma mais simples, canhestra, conservado o ensinamento moral dominante.

Nem sempre, configure-se, existirão refrões em sua inteireza original; há-os, fragmentados, inspirados nesse ou naquele provérbio, e, por essa circunstância reduzidos a simples palavras sentenciosas. Não será raro, a seu turno, um pronunciamento a propósito de episódio público tornar-se válido para a coletividade, e, daí por diante, incorporar-se à linguagem quotidiana.

O cearense, na área nordestina, pela sua maneira peculiar de comportar-se a arrostar mil dificuldades que o conturbam em seu *habitat* natural –, tem, sob tais circuns-

tâncias, crescente necessidade da colaboração da comunidade, com quem divide sofrimentos e alegrias. Daí lançar mão de recursos dialetais de um repertório rico de ensinamentos éticos que, a todo instante, tanto nas ocasiões graves como nas espirituosas, atuam nele para o apaziguamento espiritual, indispensável.

Percebe-se na paremiologia do Ceará – vastíssimo campo por estudar – uma identidade bem definida, ressaltadas as diferenciações e comportamento normais. Não será exagero, acreditamos, anunciar que o adagiário local é de tal forma pertinente ao cearense que o projeta como criatura humana em suas atitudes de coragem, de resistência, dor e inspiração. Não importa que a mensagem moral, que no território do Ceará se repete, esteja filiada às origens gregas. Posta nos lábios de Lampião, herói popular, ou na garganta de um grande trovador, o cego Aderaldo, é o povo cearense que se define em sua pluralidade.

Esse intróito não é feito com pretensões de defender tese. Será apenas uma tentativa para o ajustamento de conceitos a respeito do assunto, que, mais do que nunca, merece a atenção de quantos, capacitados da importância de estudos folclóricos no Ceará, percebem a necessidade inadiável do levantamento completo, se possível, da paremiologia da região, não se podendo esquecer, para esse empreendimento, o trabalho anteriormente iniciado pelo Barão de Studart, por Gustavo Barroso, Rodrigues de Carvalho, Leonardo Mota – para lembrar apenas os mortos, ilustres que perlongaram o tema, como também o sr. Júlio Cícero Monteiro, cuja obra, mesmo incompleta, necessariamente precisa ser incorporada ao acervo do folclore nacional.

Não são numerosos os que conhecem o trabalho desse dedicado estudioso, que segundo informações colhidas ao *Dicionário Bio-Bibliográfico Cearense*, do dr. Guilherme

Studart (1913, II Vol.), nasceu em Ipu, a 18 de janeiro de 1867, de seus pais José Monteiro e d. Delfina Gonçalves da Silva Braga. Jornalista por vocação, desde criança escrevia seus próprios jornais, caligrafando-os. Dedicou-se a redigir sobre assuntos lingüísticos e folclóricos. Era servidor federal, empregado da Estrada de Ferro de Camocim, tendo, nesta cidade, exercido vários cargos; o de membro do Conselho Escolar, ajudante do procurador da República e vereador da Câmara Municipal.

Sua pesquisa mais séria, que ficou inédita, é a que nomeava de *“Idioma Rústico – outras formas dialetais cearenses”*. São conhecidos do livro capítulos esparsos, divulgados em dois ou três números da *“Revista Escolar”*, do Instituto de Humanidades, dirigida à época, 1913, por um dos maiores educadores do Ceará, prof. Joaquim da Costa Nogueira.

Numa dessas publicações, o autor demonstra conhecimento próprios nas sentenças recenseadas: “Há entre o nosso povo expressões e termos triviais para nós, cujo sentido, todavia, escapa a quem lhes não conhece a significação. Assim temos, entre muitos outros: “Comprar no *fuso* = comprar fiado (por analogia, decerto, com *fiar*); preço *salgado* é o mesmo que *caro* ou em *conta*, sig. *barato*, *cômodo*; comprar pela hora da morte, quer dizer – *caríssimo!* Sobre *comprar* há os prolóquios “Compra Maria da bolsa vazia”, isto é, aquele que tudo quer comprar mas não tem dinheiro: “Comprar a enforcados e vender a namorados”, quer dizer: comprar barato e vender caro: “*Quem rezznga* quer comprar,” etc., etc.

Continuando: de um modo geral os provérbios são repetidos por todas as classes. Para onde nos voltemos há sempre alguém a nos aconselhar, a dizer frases de discutível filosofia sobre atitudes alheias ou, de preferência, sobre os desmandos do mundo. A diferença substancial

observada nos ditos populares é que, normalmente, são estes pronunciados já com alterações acrescentadas pela tradição oral, deturpada.

Um homem de nível superior, por exemplo, não poderá referir que “come depressa quem come com a mão”, porque não compreenderiam os seus pares que alguém ou sasse desprezar o talher. Enquanto a paremiologia burguesa é ativa, mais diretamente influenciada por provérbios de construção compatível com a compostura, e podíamos dizer, com a educação e cultura, a de uso da comunidade, em sua camada inferior, guarda contatos com frases e expressões caracterizadamente regionais.

A verdade é que tanto os letrados como os menos mediados socialmente falam sujeitos às mesmas normas tradicionais de conhecimento, mudando apenas aqueles aspectos, já lembrados, de fundo regional. É o que se vai ver pela revelação que a senhora, professora Rebeca Pérez Vda., de Nava, da Sociedade Folklorica de México, em Valparaiso, enviou ao anuário da referida sociedade. Lá encontramos, para surpresa nossa, expressões símile das nossas: O “maspronto se agarra un embustero que un cojo”, e versão direta do nosso “mais depressa se pega um mentiroso do que um alellado”. “Hacer de tripas corazón”, afinal de contas, com todos os erres e esses, e a réplica do que faz o nosso sertanejo alta noite, diante de um malfeitor. Ainda mais: “Salir de las llamas y caer nas brasas” é irmão de corpo e alma, do “sair do fogo e cair nas brasas” nosso.

Para aproveitar a proximidade do assunto, impõe-se lembrar que o nordestino, mais do que outro, permanentemente está atento aos ditos espirituosos. Para qualquer situação que lhe parece digna observar, tem, naturalmente, um ditado interessante, às vezes até judicioso, capaz de confundir-nos.

Algumas dessas frases idiomáticas não deixam transparecer imediatamente o seu significado, o que reforça, como é evidente, a necessidade de estudá-las em suas origens, na decomposição dos vocábulos. Exemplo frisante é a que se segue, ouvida a respeito de um desfecho melancólico, e que soa como uma sentença vulgar, absurda.

– Deu adeus, e o papagaio, zás, caiu para trás e morreu!

Como tivemos oportunidade de observar em notas anteriores, publicadas sobre esse tema de entranhado sabor popular, em muitos exemplos é simples definição pessoal que, ao se exteriorizar, por aceitação coletiva converte-se em impressão comum ao grupo. Será o caso de outra frase que encerra interessante pronunciamento de sertanejo atento às coisas que o rodeiam em sua expressão territorial:

– É “vê” um bem-te-vi tirando carrapato em peito de vaca magra.

O sr. Fradique Neto, que nos acode com informes substanciais para subsidiar o nosso conhecimento nesse campo, revelando-se um apaixonado dos temas folclóricos – colecionou umas deliciosas expressões em que se evidencia o poder de observação do sertanejo:

- Quebrado que só arroz de terceira.
- Fino que só assobio de soim (sagui)
- Teso que só prima de cavaquinho.
- Por fora, que só bico de mamadeira.
- Por fora, que só botão.
- Sofrendo, que só fundo de pilão.
- Comprido que só manga de colete (ironia).
- Sofrendo que só pé de cego em dia de feira.
- Folgado que só charuto em boca de bêbado.
- Por dentro que só miolo de lápis.
- Linheiro que só nó de porco (ironia).

A colaboração do sr. Fradique Neto vai longe. Enriquece ele o adagiário comparativo com outros ditos realmente alegres, ouvidos com freqüência pelos sertões:

- Quem trabalha com a cabeça é carreteiro (carregador).
- Quem anda pela cabeça dos outros é piolho.
- Quem tem casa é maribondo.
- Quem tem medo de perder, não toma cria.
- Quem tem um, não é mocho.
- Quem aprecia cochicho é padre.
- Quem chega na hora é o ponteiro pequeno.

No prefácio do bem elaborado trabalho de Sylvio Echenique - (*Bruaca*, adagiário gauchesco, Editora Souza, Rio de Janeiro, 1954) - escreve Augusto Meyer estas oportunas considerações: “ao contrário de Russomano, deu (o autor) preferência à voz viva do campeiro e ao seu próprio gosto de entrar pelos ranchos, a ouvir, anotar, prosear. Seu livro, por isso mesmo, não cheira a mofo de gabinete, é saboroso, conversado, e o estilo parece andar a trote estrada afora”. É esta voz viva, a que alude o escritor gaúcho, traço de união e uma característica do povo brasileiro. Relendo o livro, a vagar, encontramos nele quase duas dezenas de ditados que poderiam ser pronunciados entre nós, mas sem correr o risco de serem classificados como filiados ao adagiário dos pampas.

São fatos dessa natureza que, muitas vezes, surpreendem o estudioso do folclore, e não se diga simplesmente do nosso folclore, mas o de caráter internacional, pois não foi sem grande surpresa que numa pesquisa de medicina popular, fomos deparar uma receita adotada no Islão, parenta próxima de outra que imaginávamos obra exclusiva da improvisação cearense.

De tanto encontrar semelhanças, poderíamos ficar menos surpresos, mas verdade é que essas coincidências, reveladas amiúde, servem para elastecer a compreensão da paremiologia, no caso, a do Ceará, sem diminuir o sentido da novidade e a valia destas para estudos comparativos, senão vejamos:

1 - “Andar com os arreios nas costas” - “Ser tão pobre que nem sequer possui cavalo de montaria”. Diz-se no Ceará: “Andar com a casa nas costas”, isto é, andar sem bagagem, apenas com a rede.

2 - “Andar de cabresto curto”. Tem o mesmo sentido que Sylvio Echenique lhe empresta: tanto no Nordeste como no Rio Grande do Sul, quem anda de cabresto curto, não tem liberdade de movimentos.

3 - “Boi solto, lambe-se todo”. O ditado é comum à área do Polígono das Secas, conhecidíssimo, sendo óbvio que preso, puxando o cultivador, ou movimentando engenhos, o animal não tem tempo para deleitar-se... nem, por analogia, os que não estão longe de seus patrões, de folga.

4 - “Cavalo dado não se escolhe o pelo”. O ditado em nossa área geográfica recebe esta variante: “Cavalo dado, não se abre a boca”. Porque pela boca, vendo-lhes os dentes, é que o sertanejo aqui conhece a idade do animal.

5 - “Como cobra que perdeu o veneno”. Explica o autor: “É estar sem confiança em si, mas agitado, irritado, sem sossego, tresloucado”. Significa no Ceará o mesmo, mas convém dizer-se que o dito surge da idéia que tem o sertanejo de que todas as cobras, em certo momento, depositam o veneno num esconderijo, enquanto comem ou bebem água. Não o encontrando, desesperam.

6 - “Como mosca de verão”. No Ceará a expressão existe adaptada às condições climáticas: “Como mosca do

inverno”, pois é na quadra invernososa que elas são mais abundantes.

7 – “Dar mais voltas que biscoito em boca de velho”. Diz-se entre os nordestinos: “Dar mais volta do que bolacha em boca de velho”. Há outras variantes.

8 – “Estar no mato sem cachorro”. Idem.

9 – “Esticar a canela”. A frase é muito cearense. Diz-se, com freqüência, que “Fulano esticou a canela”, isto é, morreu.

10 – “Levantar como leite fervendo”. A variante cearense é irmã desta: “Levanta que só leite na fervura.”

11 – “Praga de urubu não mata cavalo gordo”. É comum ouvir-se pelos sertões: “Praga de urubu não *pega* em bicho gordo”.

12 – “Ser carne de pescoço”. O autor acrescenta: “A carne do pescoço da rês é das mais duras, sendo menosprezada por resistir aos dentes, mesmo os mais fortes. Diz-se de quem não se afrouxa...” Com igual sentido é sentença cearense.

13 – “Ser filho das macegas”. O nordestino também refere aos que nasceram sem conhecer pai. Quase de forma semelhante: “Fulano é filho das moitas”, “fulano nasceu nas capoeiras ...

Já outro estudioso do folclore, Domingos Vieira Filho, e autor de *A Linguagem Popular do Maranhão*, obra que, apesar do título modesto, não só é uma contribuição à interpretação lingüística daquela região, mas, pelas informações que contém, de valor para quantos desejam avaliar os recursos de linguagem do nordestino. Naturalmente existem no livro muitos vocábulos pertinentes, com exclusividade, à área do Maranhão, mas outros parecem ter sido escritos ali de acordo com o temperamento e a maneira de agir do cearense.

Alguns verbetes de *A Linguagem Popular do Maranhão*, recenseados com interesse científico, lembram-nos certas reflexões do sr. Florival Seraine (in *“Ensaios de Interpretação Lingüística”*) que, discorrendo a respeito do mesmo assunto, advertia-nos:

“... o habitante do nosso *“hinterland”* que nunca viajou, nem entrou em contacto com os elementos da cultura espiritual, analfabeto, ingênuo vivo – como já se fez notar – no âmbito apenas do que diretamente experimenta, de modo que, ao falar, usa de expressões próprias, em que quase sempre entram em jogo elementos objetivos adstritos ao pequeno mundo do seu conhecimento”.

Somente os que o cercam poderão fornecer aos mais distantes uma idéia de sua interpretação em face dos acontecimentos da comunidade, registrados em obras – como as que acabamos de citar – o que existe de mais puro na inspiração popular.

Dito isto, vejamos os pontos de contacto do adagiário cearense com o que o sr. Domingos Vieira Filho captou em outra região brasileira, agora mais próxima de nós, o Maranhão:

CAIXA – “O mesmo que “pequena”, mulher boa, namorada”. CAIXA, no Ceará, tem vários significados:

Meu “caixa”, no sentido de homem rico que protege mulher, ou “caixa do catarro”, os pulmões. Diz-se com frequência: “s’tou com a “caixa”, o peito, avariada, com uma tosse danada”.

CEBOLA – “Relógio de algibeira do tipo usado antigamente”. Entre nós, o conhecido como “tacho” ou sim-

plesmente “cebolão”. Diz-se: “fulano tem um cebolão deste tamanho”!

COROCA – “Velha feiticeira, espécie de bicho pondê”. O significado local é outro, embora se perceba a filiação à idéia macróbia. Coroca é moça velha, fuxiqueira, que não casa.

CUTA – “Contrabando”. Exato, mas é preciso explicar; contrabando de automóveis, pois o termo surgiu, recentemente, do fato de os contrabandistas esconderem os veículos contrabandeados sob moitas, no mato...

MATA-RATO “Charuto de qualidade inferior”. Tem o mesmo significado em todo o Nordeste. No Ceará é também denominado “tipo flauta” porque, geralmente, o fumo sofre a ação de fungos, ficando furado. Diz-se com freqüência: “Fulano num ‘stá fumando um mata-rato, tá fumando é frauta”.

PRATO-DE-ARROZ-DOCE (SER) – “Qualidade de uma pessoa que se sobressai, que quer brilhar num salão, tornando-se centro de geral atenção”. Há uma variante entre populações do Ceará: “Lamparina de forró”, que significa pessoa muito apresentada, que quer ser vista por todos”.

PEPEÚ – Pedir – “Implorar graça; pedir clemência”. Faz parte, naturalmente, da série de abreviaturas que as pronuncia o povo cumprindo um tabu de origem obscena. Não obstante há outras assim:

“Esse machado tem dois V”, isto é, Vai e Volta. Já, por exemplo, a sigla PQP é de significado pornográfico.

Damos a seguir termos que não encontramos no livro já referido e que podem ser ouvidos com freqüência na linguagem coloquial do cearense:

PIRÃO FRIO – Empregada de cozinha, feia, que namora ao pé do muro; mulher que não se dá a respeito. Diz-se: “Fulana não vale nada, é um pirão frio”.

PEBADO – Estar sem dinheiro, não merecer nada. Diz-se: “Hoje estou pebado”.

MIADO – (Estar) Pessoa que também não possui dinheiro. Ouve-se freqüentemente: “Estou miado”. Há frases com o mesmo significado: “Estou liso”, “Estou no aro”, “Estou sem vintém”, “Estou no ora e veja”, “Estou limpo”, etc.

COADO – Gente sem nenhum valor. Diz-se: “Beltrano é um coado”, isto é, não vale nada, gente sem expressão. A esse respeito esclareceu Florival Seraine: “Coado é expressão cujo sentido depende da intenção de quem a profere, das circunstâncias em que é dita, podendo ser aplicada num tom levemente zombeteiro, burlesco, sem intuito de ofensa ao interlocutor, como também ser proferida em tom altamente depreciativo...”

Para os estudiosos da matéria, segue a relação desses provérbios de uso corrente no Ceará, alguns, simples ditos espirituosos que identificam, possivelmente, o modo de pensar, de agir, do cearense, em suas relações sociais na comunidade. Vão reproduzidos em sua forma original:

- Deus dá o frio conforme a roupa.
- Quem cai na lama, acaba se sujando.
- Canário que canta muito, acaba borrando (sujando) o ninho.
- Quem bebe pra morrer é peru.
- Quem morre de véspera é peru.
- Conversa de dois encurta o caminho.
- Amor, no inverno, também pega de galho.
- Rico não tem mão grossa (áspera).
- Sapato de pobre e tamanco.
- Quanto maior o pavio, maior a labareda.
- Quem pariu matheus, que balance ele.
- Quanto mais se mexe na porcaria, mas catinga faz.
- O boi sabe onde fura a cerca.
- Valentia de boca nunca matou ninguém.

- Se Deus marcou (aleijado), não prestou.
- Quem tem mesa não serve no chão.
- Quem se avexa (apressa-se) para comer, come cru.
- Casamento de negro com branco é mosca no leite.
- Quem acaba soluço é susto.
- Quem enterra o defunto é a sua família.
- Quem engorda porco é sujeira.
- Doido não rasga dinheiro.
- De manhã é um capão, de tarde um barrão.
- Morte quer é desculpa.
- Quem não pode com o pote, não pega na rodilha.
- Todo mundo é bom, mas a lua falta um pedaço.
- Quem pega “corda” (quem é sensível a elogios) é cacimbão.
- Dor de barriga não dá só uma vez.
- Mulher não se casa com carrapato porque não sabe qual é o macho.
- Malefício não conhece o dono.
- O olho do dono enxerga longe.
- Conversa de canto de cerca é fuxico ou dinheiro emprestado.
- Viola não toca sem corda (cordas).
- Carreira de velho é chouto.
- Pobre vive de teimoso.
- Pobre aumenta o feijão botando água pra fazer caldo.
- Onde come um, comem três.
- Quando se está de azar, o urubu de baixo “suja” o de cima.
- O burro se amarra na orelha do dono.
- Quem tem rabo (cauda) comprido, um dia perde ele.
- Só perde quem tem.
- Mais vale amigo na praça do que dinheiro em fundo de baú.

- Pimenta nos olhos (também no....) dos outros, é refresco.
- Quem gaba o noivo é a noiva.
- Peru calado (espectador de jogo) ganha um cruzado.
- Consolo de cego é o guia enxergar.
- Quem puxa o sino não acompanha a procissão.
- Quem gosta de velho é fundo de rede, espreguiçadeira e penico (urinol).
- Quem vai atrás (na garupa) fecha a porteira.
- Cadeia foi feita pra homem.
- Quem tem boca não manda os outros soprar.
- De esmola grande o pobre desconfia.
- Só dá quem tem.
- Água não tem cabelo.
- Quem disto cuida, disto usa.
- O cão é sujo.
- Quem nasceu para cachorro, morre latindo.
- Quem chega atrasado, passa por baixo da mesa (isto é, não almoça).
- Chuva fina molha besta.
- Quem canta não assobia.
- Quem dá o que tem, fica sem vintém.
- Quem não arrisca não petisca.
- Pelo dedo se conhece o gigante.
- Quem não chora não mama.
- O sujo não pode falar do mal lavado.
- Quem quer pegar galinha não diz “chô”!
- Carro de boi é de madeira mas geme.
- Quem morre pela boca é peixe...
- Em casa de enforcado não se fala em corda.
- Quem mexe com muitas pedras, uma lhe dá na cabeça.

- Pau que nasce torto até a cinza é torta.
- Cachorro que muito anda, cria rabugem.
- Fruta de beira de estrada é azeda.
- Cão que ladra não morde.
- Passarinho vive preso, mas também canta.
- Burro piado também come.
- Quem quer vai, quem não quer, manda.
- Melhor prevenido do que remediado.
- Quem muito escolhe, tudo perde.
- Cada macaco no seu galho.
- Quem destroca dinheiro, perde a fortuna.
- Porteira abaixo, terra acabada.
- Remédio de doido é doido e meio.
- Quem nasceu para boi manso, morre na canga.
- Quem cedo planta, cedo colhe.
- Pau que cai, no chão se acaba.
- Chorar não enche barriga.
- Antes sentado do que atrepado.
- Cria a fama e deita-te na cama.
- Quem ama o feio, bonito lhe parece.
- Quem gosta de... é grauça.
- O que se vai "pôr no prego", se vende logo.
- Melhor correndo do que de chouto.
- Roupa suja se lava mesmo em casa.
- Quem muito se abaixa o fundo aparece.
- Ladrão que outro rouba, tem cem anos de perdão.
- O que os olhos não vêem, coração não sente.
- Quem diz o que quer, ouve também o que não quer.
- Quem muito fala, muito erra.
- Quem aprende chorando, ri quando ganha.
- Tal pai, tal filho.
- Quem gosta, torna.
- Quem vai lá, perde o lugar.

- Quem empresta dinheiro, perde dinheiro e amigo.
- Cavalo velho não aprende a andar.
- Criado como Deus criou batata.
- Tirar o cavalo da chuva.
- O que é dado por gosto, regala o peito.
- A bom entendedor, meia palavra basta.
- Entre marido e mulher não se mete a colher.
- Depois que se perde tudo é que se lamenta.
- Quem perde, perde até a razão.
- Mentira puxa mentira.
- Falou do mau, prepare o pau.
- O diabo e o mau Vizinho andam sempre juntos.
- Quem não deve, não teme.
- Atrás do pobre corre um bicho.
- Quem canta seus males espanta.
- Cobra que não anda, não engole sapo.
- Quem deu o nó, que o desate.
- A dor ensina a gemer.
- Nem tudo que reluz é ouro.
- Quem entra na chuva, acaba molhado.
- A necessidade também obriga.
- Soldado de folga em quartel, quer serviço ou cadeia.
- Corda que muito estira, se parte.
- “Nem os dedos da mão são iguais.
- Mulher muito enfeitada, quer “enfeitar” (enganar) o marido.
- Quem agrada os filhos, adoça a boca dos pais.
- Quem cedo madruga. Deus ajuda.
- Quem bota pobre pra frente é susto e topada.
- Dá uma unhada esconde a unha.
- Velho se acaba pelos fundos.
- Saco” vazio não se põe em pé, etc. etc.

E mais as expressões: Agarrado ao pai – Rabo de saia – Angu de caroço – Carecido de pela – Dar o ponto – Apretar o passo – Fraco das pernas – Pular a corda – Cara de mau-agouro – Sair de fininha – Olhar a banda – “Pegar barriga – Desocupar o caminho – Arranjar marido – Eguar – Tomar na cabeça – Aprender a lição – Segurar pelo cabresto- Cabresto curto – Dá de chinelo – Levar uma rasteira – Ficar escornado – Cheirar a carniça – Ir pra carniça como urubu – Não é da conta nem do rosário – O Cristo sou eu – Quem paga o pato sou eu – Matar duas vezes – Cair no fojo – Arranjar encosto – Perder o peito – Chamar aos peitos – Filho das moitas – Dá linha – Soltar coió – Abrir nos paus – Apagar-se – Dar o prego – Faltar o gás – Acabar a corda – Fugir o sangue – Dá o tiro da macaca – Tirar o cavalo da chuva- Entrar de mansinho – Chorar de peito regalado – Cair de c... trancado – Escorregar na chuva – Mulher de padre – Dia de São Nunca – Arre, égua! – Da cor do chão – Vida de cachorro – Catinga de cão – Língua de sogra – Arriar as calças – Perder o rumo – Cai pra trás – Raspar a panela Botar água no feijão – Carregar a mão – Tirar o dedo – Limpar o cabelo – Obrar fino – Falar grosso – Parir de dois – Encurtar caminho – Aqui te espero – Bater a passarinha – A gata miar – Cair de maduro, etc., etc.

O prof. Raimundo Girão, Secretário de Cultura do Ceará, com bagagem literária recomendável, acaba de entregar aos estudiosos desse tema o seu “*Vocabulário Popular Cearense*”, obra em que se sente a seriedade da pesquisa e o objetivo de arrolar todos os termos usados pelos cearense na linguagem coloquial. Cioso do trabalho, e porque não dizer também, de suas responsabilidades, o sr. Raimundo Girão adverte-nos: “Evitamos, sempre que possível; aquela carimbação” a torto e a direito, anotando sempre que- possível, em nosso modesto glossário, só o que

pode ser tido como popular – vocábulo de criação do povo, vocábulos da língua brasilusa a que o povo deu novo ou novos significados, vocábulos de nomenclatura de coisas e instalações que completam a vida do homem rural – engenho de cana-de-açúcar, casa de farinha, carro-de-bois, jangada, arreios, etc., sem desprezar os arcaísmos que o povo emprega, e não podem deixar de ser considerados como integrantes da linguagem popular”.

A citação alongada serve para demonstrar o espírito que norteou o trabalho, aliás bem apresentado e revisto com bastante cuidado, não sendo menos feliz o aspecto gráfico da obra, a divisão dos verbetes organizados por ordem alfabética.

Estudos dessa natureza não podem atingir a perfeição. Aliás, o próprio prefácio escrito pelo autor é uma demonstração do reconhecimento dessa circunstância não se notando nenhuma vez a preocupação de tornar o *Vocabulário Popular Cearense* obra definitiva capaz de passar incólume ao julgamento da crítica. Mas, a rigor o livro está correto, e o esforço para a colheita de material foi exaustivo, não obstante as falhas, perdoáveis em trabalho de tamanha ambição.

A título de contribuição, anotamos alguns verbetes que mereciam ser melhor estudados e classificados, a começar pelo adjetivo *Arrochado*, que não refere apenas: a uma condição de natureza feminina, picaresca. *Arrochado* alcança significação diferente em linguagem popular; é designativo de homem valente, de sujeito que não abandona a luta. Diz-se com frequência: “Ali é arrochado mesmo”! Isto é, “fulano é mesmo valente”!

O verbo *chuchu* tem alcance pejorativo; e disso o autor não se apercebeu, como *Pano*, além de parecer que está amplamente explicado, esconde ainda a designação

de providência feminina, bastante íntima, principalmente quando se diz: “Os panos dela”, etc.

Situar não quer dizer apenas “pequena fazenda de criar, fazendola”, ou “caso de situação”. É começo do exercício de posse, do estabelecimento de serviço ou obra: “Vou situar minha vida em tal parte” – “estou situando (isto é, começando), uma plantação de cana, de capim, etc.”

Bicho – é o que se pode ler à página 58 do livro comentado, tem todos os sentidos arrolados como substantivo masculino, e mais “bicha” que quer dizer, efeminado. É comum ouvir-se no fraseado popular: “fulano é bicha.”

Na mesma tônica, está o verbete *chapuletada*, que aparece no livro como “bofetada, tapa, tabefe”, mas que esconde, efetivamente, sentido altamente indecente – não indicado no livro.

Escapou ainda ao ilustre estudioso o verbo ferrar, no sentido de alguém tornar-se submisso, preso. “Fulano está ferrado por ele” – está preso. Ou “o peixe ferrou”, isto é, prendeu-se ao anzol, etc., etc.

O verbete *Igreja-verde* admite explicação mais ampla. Diz-se também: “casou nos matos,, isto é, a mulher deixou-se possuir fora de casa, escondida sob as árvores, etc.

Numa ou noutra oportunidade – como na nomeação do verbete *Catali* ou *Catabil*, aliás, catrambil, falta a explicação de que se trata, como no caso, de uma corruptela. Tudo indica, a nosso ver, que catrambil, catabi, catabil, vem de catrâmbio, isto é, de cambalhota, etc.

Mas as observações feitas no decorrer desta apreciação escrita ao correr da pena não têm outro objetivo senão o de contribuir para que, de futuro, obra dessa importância possa estar realmente enriquecida com esclarecimentos que nos parecem necessários e válidos.

Imaginamos mesmo que o autor voltará a nos oferecer outra edição desse excelente vocabulário, e, até lá, outros estudiosos – ou simples curiosos como nós – terão oportunidade de contribuir para uma maior compreensão da linguagem popular cearense.

O que fizemos, particularmente, até aqui, não passa mesmo de uma modesta contribuição.

O IMPORTANTE SR. DIABO E A MAGIA DAS UNHAS

Era uma vez um homem que tinha muitos filhos. Tantos, que não sabia a quem convidar para compadre. Quando nasceu o último, falou “Mulher! Eu vou sair para arranjar um padrinho para o nosso filho. Convido o primeiro que aparecer, nem que seja o Diabo.

RUTH GUIMARÃES
in Os Filhos do Medo

O Diabo e toda a sua corte de demônios tentadores têm participação excepcional na vida educacional da família sertaneja do Nordeste. O problema assim posto, mais por curiosidade folclórica do que propriamente por discussão pedagógica, revela ângulos divertidos e curiosos que precisam, a vagar, ser esclarecidos, revelados por estudiosos da matéria.

O mais estranho de tudo isso é que a Igreja, que detém sob a sua responsabilidade a educação cristã da gente

interiorana, através do trabalho missionário, das pregações, levando a palavra do Senhor aos recantos mais distantes, ensina exatamente a destruição do Satanás, o combate a este como triunfo alcançado por boas obras que redimem a criatura de pecados cometidos. E por que, indagamos então, prossegue o Demônio sendo o personagem mais lembrado nas conversas familiares do sertão, a ponto de sua nomeação ser invocada em quase todos os momentos.

Diabo e Inferno são duas constantes ao redor da pacata existência familiar dos sertões. Desde cedo as crianças adaptam-se às condições de uma educação doméstica, que diríamos “infernai”. Primeiro invocar o Cão não causa surpresa a ninguém. E até os pais, principalmente os que descendem em linha direta de famílias sertanejas, sob o peso da influência ancestral, inocentemente o invocam.

Satanás é grito de guerra das crianças. Se levam um tombo, se dão topada, a imprecação preferida, antes de outra qualquer, será está: Diabo!

Os pais se acostumam a referir aos filhos, quando os contrariam, mais ou menos nestes termos: “Aquele diabinho, não tinha o que fazer, foi cegar o fio do machado!” Em outras circunstâncias: “Aquilo não é menino, é o diabo em figura de gente”.

Procurando o filho, muitas vezes, é comum ouvir-se aos pais:

– Ó mulher, onde se escondeu o diabo do Zé?

Diante de repetidas invocações ao Tinhoso, criam-se as crianças sujeitas a uma situação estranha, à qual, aos poucos, vão-se acostumando. É difícil entrar na compreensão infantil todo o mal que o diabo pode causar-lhes, mesmo porque é ele um personagem de convivência familiar, braço forte para determinados auxílios e rasteira para desprevenir as criaturas.

O Diabo, nesse arcabouço educacional do sertão, não é só o desencaminhador de almas, o anjo expulso pelo Senhor por iniquidades, mas figura aproximada do herói, espécie de Pedro Malas-artes que vence os outros, ou o próprio João Felpudo.

Só mesmo essa conceituação demoníaca poderia permitir a coexistência pacífica de ambos (cão e criança) na vida comunitária rural. E enquanto vai crescendo o rebento da casa, pondo-se taludinho, como se diz entre nós, o rapazinho capitaliza uma série de histórias que se lhe contam a propósito do Demônio, homenzinho esquisito que acaba sendo padrinho de meninos, disfarçado em velho, à boca da noite, a transviar as almas inocentes.

O culto ao diabo sofre manipulação de simpatia diária, a ponto de existir um provérbio que corre, com pasmosa frequência, na voz do povo, a sublinhar exatamente esse estranho conceito: – O diabo não é tão feio como se pinta. Sim, o diabo não pode ser tão indesejável, pois é o ajudante, o secretário da família inteira. É nome argüido à hora dos aperreios, quando alguém necessita de auxílio. Surge nas discussões, nas conversas sérias, nos momentos de deboche. Afinal, está em toda parte, ostensivamente perverso ou simplesmente tolerante às vezes.

Em certas ocasiões é somente o bicho, o coisa, o demo, o preto, o sujo, o pé de cabra, o pé de pato, o capiroto, chifrudo, ferrabrás, cujo, futrico, feio, nojento, bruxo, beçudo, mau, negrão, peítica, condenado, afuleimado, imundo, excomungado, coxo, fute, capenga, maldito, rabudo, etc., etc.

Criado nesse contacto com o demônio, a criança sertaneja – e podemos estender o raciocínio a educação inclusive dos centros urbanos mais adiantados – torna-se altamente receptível ao folclore que dele se origina, ajudando a propagá-lo entre amigos, e, posteriormente, na fase adulta, entre os próprios filhos.

O que se não pode negar, em sã consciência, e a importância do demônio, ou em outras palavras, a sua privilegiada posição de formação no caráter infantil. O problema não é só curioso, conforme entendemos, nem servirá simplesmente para subsidiar uma pesquisa de fundo sociológico. Andariam bem intencionados os professores, principalmente os especialistas no assunto que desejassem encontrar nessa distorção da educação doméstica do sertanejo vastíssimo campo para estudos de ordem científica.

O folclore, nessas ocasiões, está sempre presente, o que nos faz lembrar outro tema, o da magia das unhas, que serve até para corrigir criança desmazelada, infensa ao asseio, ao cuidado íntimo.

Menino de unhas compridas e sujas, se foi criado no nordeste brasileiro, por certo há de ter ouvido estas palavras dos lábios de sua genitora: “Daqui a pouco tu vira o João Felpudo, que foi morto pelos caçadores porque pensaram que ele era um bicho”. João Felpudo, conta a estória, era um menino rebelde que nunca consentira em tomar banho, aparar as unhas, pentear ou cortar os cabelos. Vivia dentro do mato, acovilhado, focinhando como os porcos, até que um dia foi abatido a tiros por um caçador.

Não herdamos apenas daí, é evidente, o respeito e atenção devotados às unhas. A feitiçaria, através dos tempos, a partir da Idade Média, quando aos olhos dos mais crédulos

a medicina pareceu fracassar ao adotar os escretos no tratamento da “botica repugnante”, não esqueceu nessa oportunidade a apara de unhas, terrível substância que toma posição definida na salvação da criatura humana mas no mal que deseja a outrem.

As garras – unhas aguçadas de feras – não compuseram noutras eras o quadro de luta entre os deuses, mas

contribuíram para a formação de estranhas mezinhas e amuletos de proclamada força contra os elementos do mal que lhe rondavam os corpos sãos.

Do conceito em que são tidas as unhas, de certo modo é que herdamos uma série de frases amiúde escutadas à boca do homem do campo:

- Agarrou-se com unhas e dentes;
- Aquilo é um sabidão; dá uma unhada e esconde a unha.
- Fulano tem coragem de pegar touro a unha...
- É um besta. Pegou o pião na unha.

Diz-se também a propósito de pessoa sovina, que, no Nordeste, assume o designativo de “rezina”: - é tão miserável que não passa de “unha de fome ...

No terreno das proibições, ninguém pode cortar unha às segundas-feiras. Falam que esse dia é consagrado às almas, quem assim fizer, está em desarmonia com elas, atitude que não desejam tomar os meninos, de modo algum. Na ordem dos feitiços é perigoso ingerir qualquer bebida na qual tenha-se posto rapa de unha cortada...

- Não há veneno maior. A pessoa morre logo.

A respeito anotamos a expressão:

- Rapa de unha dentro do café, avexa o cristão.

Ruth Guimarães - autora de excelente obra, *Os Filhos do Medo*, no capítulo intitulado “Princípios de magia Pontaminante”, faz referências às unhas: - Na Feitiçaria, o sinal dos dentes num miolo de pão, a sombra, as roupas, o cabelo, as *unhas*, o nome, servem para fazer mal à distância.

Ainda a propósito de não recomendar o corte de unhas em determinados dias, alude à superstição que “não presta cortar as unhas na sexta-feira Santa, porque o Demô-

nio levará as aparas para o inferno e terá poder sobre a alma do dono das unhas”. E nos adianta mais: “Na superstição portuguesa (Consiglier, Pedroso) – não se deve cortar unhas na sexta-feira, porque nesse dia está o Diabo cortando as suas também”.

Os tasmantos, que segundo Brewton Berry, ignoravam tudo a respeito de vestimenta, casas, agricultura, criação de animais domésticos, etc., etc., “em se tratando de amuletos e feitiços, não havia nada de primitivo entre eles. Sabiam que os ossos do morto podiam ser usados para curar doenças, satisfazer vinganças contra os inimigos e impedir má influência. Entendiam de magia negra: sabiam que obtendo de um inimigo um fio de cabelo, *APARAS DE UNHA* (o grifo é nosso), ou qualquer outra coisa, poderiam livrar-se dele...

O sertanejo não é ingênuo a ponto de permitir que outros recolham aparas de suas unhas. Teme sejam estas utilizadas contra a própria vida. Já ouvi narrativas de casos em que homens, descuidados nesse tocante, não se aperceberam que criaturas perversas apoderavam-se das aparas para fabricar filtros ou porções de amor...

O sr. Félix Molina Tellez (*in El Mito, la Leyenda e el Hombre*) registra que no interior da Argentina, “las unas dei gato soltero son buenas para conquistar el ser querido, disuletas en ei mate”, o que nos serve elementos para confirmar que a utilização das aparas de unhas, quer de pessoas ou de animais, está representada no folclore do mundo inteiro.

As crianças do Ceará, amiúde, descobrem os amiguiinhos mentirosos pelas pequenas manchas brancas que, por insuficiência orgânica, possivelmente de cálcio, surgem na *parte posterior das unhas*.

– Vamos ver quem tem mentido mais?

Cada mancha branca expressa uma inverdade. Mais mentiroso será aquele que tiver maior número de sinais sobre as unhas das mãos. Quando o sinal, com o crescimento normal das unhas, vai-se aproximando da área de eliminação pelo corte da tesourinha, dá motivo a comentários:

- A mentira está se sumindo. É sinal de que Deus esqueceu.

- Estou ficando sem “mentiras”.

Mas nunca as crianças ficam sem elas.

A INJUSTIÇA AOS CAPRINOS E O
FOLCLORE DO CHIFRE

No Ceará, atravessei um rio a nado, à noite, fugindo de um padre e de um grupo de chapeados que nos ameaçavam de comer a carne do bode.

REV. NATANAEL CORTEZ
in Os dois Tribunos

*Eu digo porque sou mártir,
dona Maria Rouxinha;
examinando a mulher,
as que menos falta tinha,
até hoje foram duas:
a mãe de Cristo e a minha.*

CANTADOR JOSÉ GUSTAVO,
na porfia com
MARIA ROUXINHA DA BAHIA

Diz-se, ora que o Diabo tem o pé de pato, ora que o tem de cabra. Verdade é que a cabra, através os séculos, não restou isenta dessa afinidade com o Tinhoso, representando muita vez, ela própria, uma entidade enfeitiçada. Afinal, será mais uma ingratidão dos homens e não somente de nós, os nordestinos, mas de todo mundo para com ela. Andamos esquecidos que um caprino nos serve substancioso leite, indicado para os que sofrem de achaques do aparelho digestivo, útil para recém-nascidos, proveitoso, e íamos dizer, dadivoso, na substituição do leite materno, a tal ponto que a fêmea é apelidada de “comadre” na área do “polígono das secas”.

E a cabra a vaca do pobre. No agreste, na caatinga, é criada solta, valendo-se de seus admiráveis recursos de adaptação e resistência para sobreviver. No sertão, onde não é aconselhável viver livre para não prejudicar as plantações, cria-se presa por corda. Daí ser chamada “cabra de corda”.

Os livros de feitiçaria, principalmente os de magia negra, estão repletos de indicações em que se aconselha a utilização de couros de diversos animais, inclusive, de cabra. Para os makoloios, segundo Mauon, citado pelo professor Lucien Lévy-Bruhl, os atos mais insignificantes se regem por determinadas superstições. “Para que el fuelle de un herrero tenga fuerza, es necesario que se haga el quero de una cabra desollada viva”.

“Os espíritos aéreos da sexta-feira – lemos no livro de Sax Rhomer, *Romance da Feitiçaria* – estão sujeitos ao vento oeste, apresentam-se aos homens sob formas particulares, como por exemplo, a de um rei, com cetro, montado num camelo ou então de uma rapariga nua, ou de uma cabra”. Não somente os espíritos aparecem com tais disfarces. O Demônio invade o folclore de nossa região com o seu pé de cabra, e há uma narrativa realmente

divertida (narrada por Herculano), em que o personagem é uma dama de pé caprino.

A palavra cabra, proferida contra alguém, no aceso de uma discussão, é considerada ofensiva. Ninguém deseja ser tratado como tal, principalmente mestiços.

Está, portanto, em tudo, o designativo caprino. Os feiticeiros não dispensavam nem mesmo certos colírios, conquanto feitos com fel humano podiam ser preparados igualmente com sangue de bode. Os deuses (serve de exemplo o próprio Pã) eram festejados com mel e leite de cabra... E já que referimos a Pá, “assim chamado, diz-se, da palavra pá, que quer dizer tudo, era filho, segundo uns, de Júpiter e da ninfa Timbres, segundo outros, de Mercúrio e da ninfa Penélope”, caracterizava-se por sua feiúra fora do comum. Tinha barbas desalinhas, dois chifres curtos e a metade do corpo de bode da cintura para baixo. Na página 177, da *Nova Antologia Grega e Romana*, de P. Comelin (F. Briguiet & Cia., editores, 1941), há uma estampa em que se pode ver Pá com toda a sua feiúra, ao lado de Olimpo. O contraste é deveras chocante...

O escritor francês Moreau de Jonne (citado por Felix Molina Tellez) considera que a assimilação do homem com o animal – elemento principal da mitologia – deve-se ao fato de quando os primeiros homens só possuíam as “pieles de las bestias, se les currio naturalmente el reconocerse y distinguirse con este signo exterior”.

E o caso dos pastores – adianta-nos – que se cobriam com os despojos das cabras...

Está aí evidenciada uma representação totêmica, caracterizada por um sentido de proteção aos pastores. O que se estranha é o desrespeito ao totem, posteriormente, com manifesta má vontade que, de maneira injusta, devotou-se às cabras, configurando-as com o próprio Demônio.

Para o sertanejo, os caprinos são ladinos. O bode tem realmente pautas com o diabo. Confunde-se com ele: é o sujo, o fedorento, o imundo. Nessa condição estará quem pratica outra religião, que não a católica. Correm estórias pelos sertões em que, as noites, ao redor das casas, circulam vultos que forçam portas e fazem ruídos estranhos, atemorizando os incautos, deixando um fartum nauseante.

- A catinga era de bode...

Nos desafios, nos versos colhidos. ao folclore, estão sempre em vigência as referências aos caprinos. Gustavo Barroso, no *Ao Som da Viola*, registra a primeira sextilha do ABC do Bode dos Grossos, que diz:

“Avia um bode nos Grossos,
Do senhor Francisco Gomes;
Para pegá-lo no mato
Nunca nasceu esse homem;
Se não é como lhes digo,
Aparências me consomem!”

Fértil, a imaginação do povo não pára de enriquecer o nosso patrimônio folclórico com estranhas ocorrências de que participam cabras e bodes. O ABC do Bode dos Grossos é o testemunho dessas assombrações comuns ao sertão, em que cavalos, onças e bodes enfeitiçados, zombam do poder dos homens, fugindo à perseguição dos mais destemidos vaqueiros.

O Folclore do Chifre

É crença generalizada no Nordeste, e, particularmente, no Ceará, que chifre de boi livra o legume do

“olho do mau” quando alguém o exhibe na ponta de uma vara, fincada no meio da roça. Que cornos de boi têm poder mágico entre as populações rurais, não se discute mais. Mesmo nas capitais, a influência alcança os mais civilizados. No jardim, serve para afugentar o indesejável, a pessoa de mau pensamento ou desejo que pretende prejudicar o dono da casa; no interior de vendas é advertência aos invejosos, de que não valerá a pena desejar mal ao merceeiro.

José A. Teixeira, autor de expressivo manual de estudos – *Folclore Goiano* – após referir que a magia do chifre do boi está disseminada em Goiás, adianta-nos a informação de que ali também é tido pelo povo como forma mágica de proteger pessoas contra o “mau olhado”, afastando “as pragas e as inclemências do tempo” (como também ocorre no Nordeste), e acrescenta que na Itália, em Nápoles e em Florença, “as pessoas se resguardam da jetatura, levando no fato ou vestido, um brinquedo, um objeto qualquer com a forma de chifre

Os vendedores de rapé, no Ceará, despertam atenção por conduzirem quase sempre enorme chifre passado adiante do peito. Não são raros, ainda, os amuletos em forma de chifre, e existem até os que preferem guardar o rapé, do uso, em pequenos cornos adquiridos nos mercados.

O símbolo, entretanto, nas camadas sociais inferiores, alcança significação diferente. Assinala a situação de quem foi vítima da traição do cônjuge. Sob essa definição pouco encorajadora aos brios masculinos, responde por lutas entre famílias que, em muitos casos, tornam-se eventos históricos, aumentados pela imaginação do povo, particularmente irreverente no cearense.

Luís da Câmara Cascudo, em seu *Dicionário ao Folclore Brasileiro*, confessa que ignora como nasceu a

significação ultrajante atribuída ao chifre, a ponto de o elegerem símbolo da degradação marital. Mas, com aquele seu reconhecido poder de pesquisador, lembra-nos que na Grécia a frase “kerata poein” já se referia à “situação do esposo traído, universalmente aplicado na espécie”.

E se estende em mais informes históricos, a contar-nos que em “meados do séc. XIV, quando o rei Fernando de Portugal arrebatou dona Leonor Teles ao marido, este, João Lourenço da Cunha, fugiu para a Espanha e por lá viveu ostentando no chapéu um corno dourado, singular identificação do símbolo”.

O poeta popular, quer “historiador”, como se proclama Matias de Moura, no Ceará, quer cantador e improvisador, que vai de feira em feira, pelos sertões, interpretando o pensamento do povo, reflete também essa dualidade de significação do chifre, vendo-o às vezes como talismã com o poder mágico de afugentar os espíritos, e vezes outras como designativo de marido ofendido, que não teve a coragem, como o seu colega João Lourenço da Cunha, de usar o estranho símbolo no chapéu...

De folheto anônimo depois de narrar as desgraças dos casamentos infelizes, escolhemos estes versos:

“Peço a quem tiver chifre
Que só me deseje bem
Porque falei a verdade
Quem não gostar, tem também,
É melhor ficar calado
Com o chifre dependurado
Demonstrando que não tem.

“Por isso, caro leitor,
Eu adoro o celibato...
Veja bem que só o boi
Tem chifre, mora no mato,
Sei que ninguém manga,
Garanto que esta canga
No meu pescoço não ato.”

João Quintino Sobrinho, autor de “O Chafurdo dos Namorados nas Fuzarcas de Hoje em Dia”, no decorrer da narração das mazelas dos dias atuais, em que traça o roteiro de vícios e pecados que afligem a humanidade, carregando em tintas vivas o procedimento do sexo feminino, refere galhofeiro:

“Já fui assistir um dia
o samba de uma novena
vi uma mulher casada
dançando e fazendo cena
deixou a vergonha atrás
namorou tanto rapaz
que a vista ficou serena

“Nisso o marido chegou
sapecou-lhe a mão, na marra,
ela esparrou-se, dizendo,
meu gosto ninguém esbarra;
a você, eu não iludo,
não queria ser chifrudo
pra que me botou na farra?”

O cantador Francisco Evaristo, em improviso ouvido por nós, referiu ao “chifre” como “uma tal coisa que a todo mundo incomoda”, não obstante hoje em dia “já está quase na moda”. E acrescentou:

“O agricultor na roça
Somente bota um ou dois
Porque só assim evita
A doença do arroz...
Mas em casa ele detesta
Porque nascendo na testa
Desgraça até o cabelo
O solteiro não faz conta
Mas para o casado, a ponta
Traz um grande dismantelo.”

Nos versos, nos repentes, nas histórias, na medicina aplicada pelo povo, nos enfeites, e sobretudo no anedotário, está sempre presente a relembração de ocorrências em que o chifre tem participação garantida.

Há uma anedota que corre o sertão, e até onde possam ir as conveniências literárias – vai contada a seguir. Trata do destino de um família numerosa, cujo chefe da família explica o sucesso das filhas, com quem casaram, se são felizes ou não.

– Ah, você pergunta pela Isaura? Vai bem. Formou-se, tem diploma...

– A Eneida, casou também?

– Casou, vai feliz. Já tem dois filhos. O marido é muito bom para ela.

– E a mais nova, a Beatriz?

– Ah, nem lhe conto. Infeliz como-todo. Mas infeliz mesmo.

– Não diga! O que houve?

– Coitadinha! Foi uma infelicidade. Não teve mesmo sorte nenhuma. O esposo dela “deu pra corno”.

E para encerrar, transcrevemos os versos de João Siqueira de Amorim, aquele cantador cearense que foi dono de repente espontâneo e equilibrado:

“O chifre para muita gente
Seja linheiro ou com dobra
Serve para corrimboque
E guarda rapé com sobra
E ainda sendo queimado
Serve para espantar cobra
“Se numa casa qualquer
O chifre é dependurado
Serve pra trazer fortuna
E pra tirar “mau olhado”
Cura também dor-de-dente
Se for chifre de veado...”

“O chifre sendo linheiro
Lá pras bandas do sertão
Bota-se na prateleira
Da bodega ou no balcão
Para tirar a coragem
De caboclo valentão

“Mas, o chifre na cidade,
É coisa muito diferente:
Serve pra fazer palheta
Botões de ceroula e pente
E só não dá muito certo
Sendo em cabeça de gente.”